



Rua Xavier de Toledo, 234 S/L
São Paulo - CEP 01048-000

Telefones:

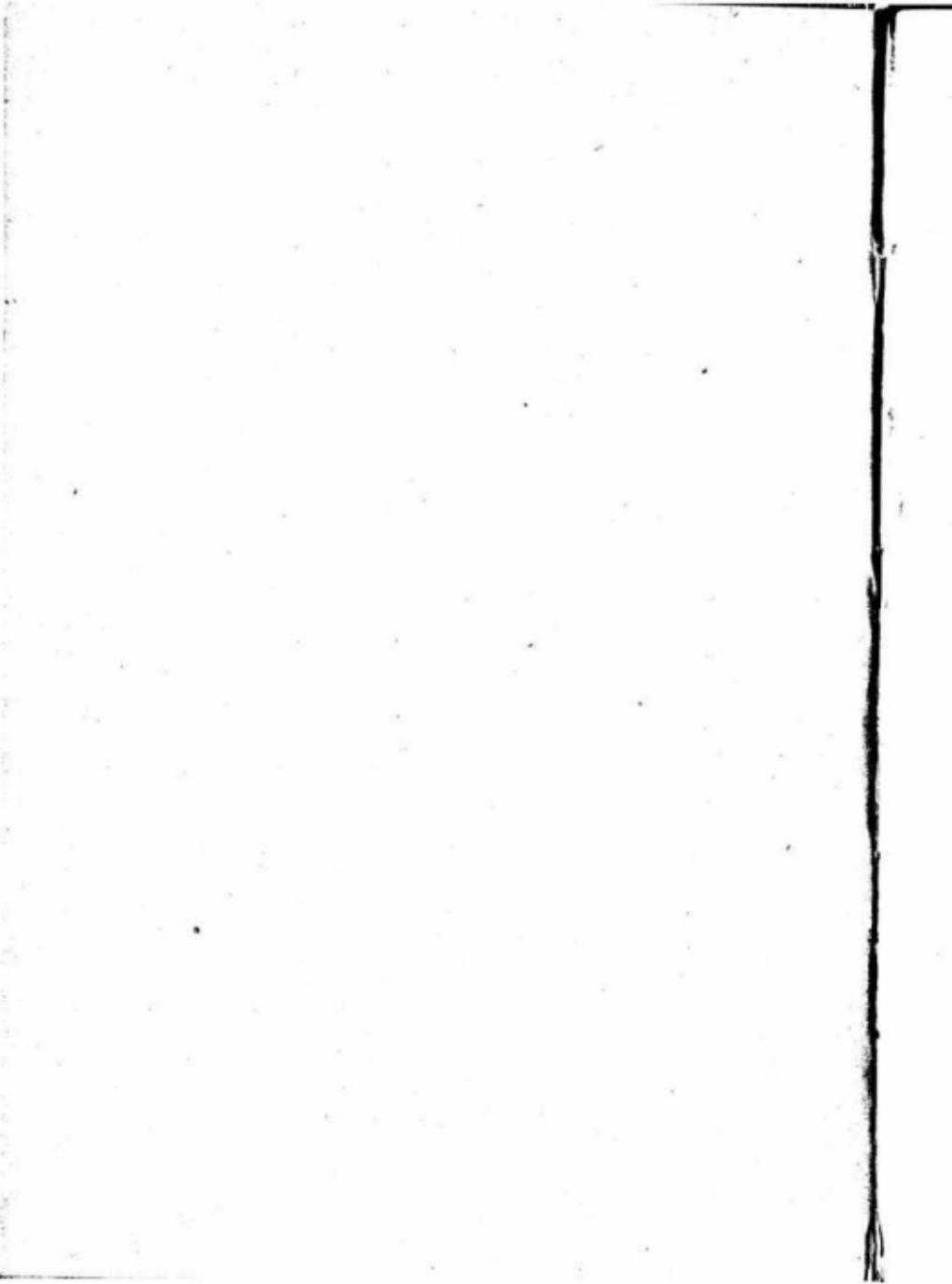
214 - 3325 / 214 - 3646 / 214 - 3647

Fax: Ramal 23

www.lbusedbookshop.com.br

oldbook@zaz.com.br

1826



Carlos Reis Filho
22-8-1918.

A CULPA DOS PAÍS

Oficinas Graficas, Rua do Poço dos Negros, 81.

XXVIII — Colecção dos Bons Autores

HENRIQUE PEREZ ESCRICHE



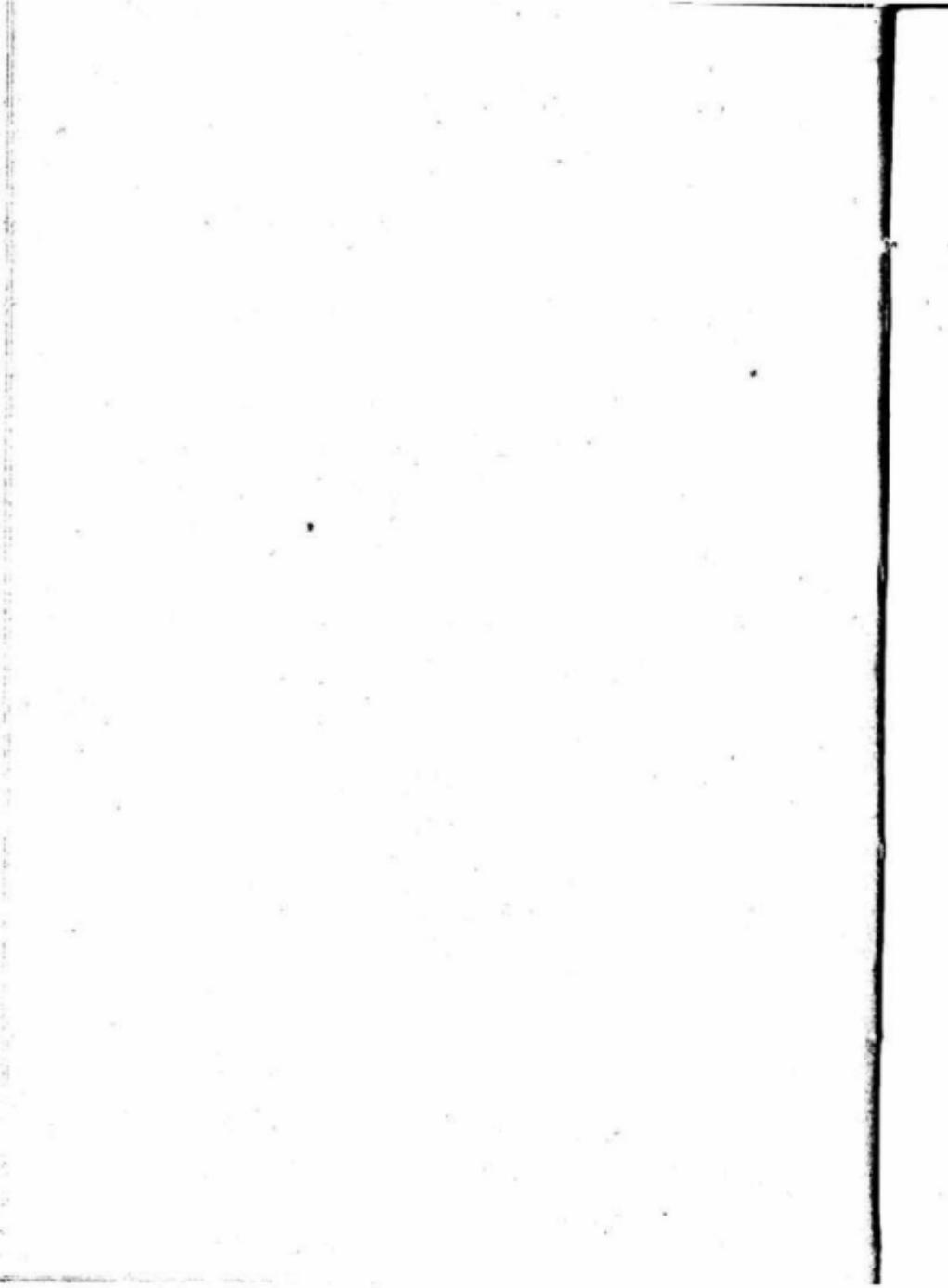
A culpa dos pais

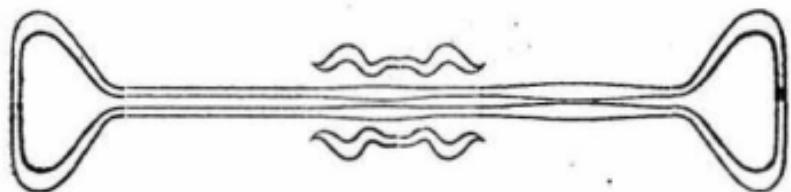
— Tradução de —
EMILIA M. FERREIRA

Romance sensacional, ilustrado



EMPREZA LITERÁRIA UNIVERSAL
LISBOA | PORTO
119, Calçada do Combro, 121, | Rua de Santo Ildefonso, 338





A culpa dos pais

Amargo prazer é aquele que produz remorsos.

CAPITULO I

Um espinho na alma

- Bonita carambola!
- Admiravel.
- Lá vai outra.
- Não, essa... mais devagar.
- Ha de ser carambola, como a outra.
- Dificilmente pôde fazer-se por tabéla.
- Isso é comigo.
- Meu querido Julio, a tua vaidade vai-se tornando insuportavel, sobretudo quando empunhas o taco.
- Essa apreciação não passa de ser uma impertinencia, pois bem, sabes que tenho ganho sempre, respondeu Julio, dirigindo ao seu interlocutor um olhar altivo.
- Ah! os soberbos castigam-se muito facilmente — respondeu Rafael.
- E és tu que vais castigar-me? — tornou Julio, pousando o taco sobre o bilhar.

— E' verdade.

— E como?

— Apostando tudo quanto quizeres em como não fazes essa carambola.

Julio empalideceu.

A proposta e o sorriso de superioridade que bailava nos labios de Rafael magoavam-no por certo. Fêz um esforço por dominar-se, pois que os espectadores ociosos, que nunca faltavam nos bilhares do antigo café Suisse, onde se passava esta scena, olhavam com bastante interesse os dois jogadores.

— Aposto cem libras contra cincoenta em como não fazes a carambola — acrescentou Rafael.

— Não tenho essa quantia — respondeu Julio, mordendo os labios.

— Se perderes ficar-me-ás a dever. Os rapazes como tu, não são sempre pobres; e se ganhares, pago-te imediatamente, o que te enriquecerá por algum tempo.

Julio hesitou.

— Aceitas? — tornou Rafael.

— Não aceito; mas devo dizer-te, para o ficas sabendo para outra vêz, que quando um rico faz a outro rapaz pobre essa proposta, poderia muito bem tomar-se por insulto.

Rafael encolheu os ombros e continuou:

- — Como quizeres. Joga.

Julio jogou, mas não carambolou. Os jogadores de bilhar carecem de muita serenidade e muita firmeza, e Julio estava naquele momento excessivamente nervoso.

— Perdias — disse Rafael com serenidade.

Continuou a partida. Os dois jogadores falaram pouco: quando o marcador contou a trigesima carambola, Julio pousou o taco, dizendo:

— Até que me ganhaste uma vêz, mercê da aposta das cem libras.

— Essa recordação prova-me que me guardas rançor.

Julio pegou no seu elegante junco de Manilo, pôz o chapéu e disse:

— Queres tomar comigo uma garrafa de cerveja?

— Pois sim — respondeu Rafael.

— Vamos então lá fóra.

E os dois mancêbos dirigiram-se ao salão imediato, onde se apossaram de uma meza.

— Creio què tens alguma coisa a dizer-me — disse Rafael com certo desdém.

— Efectivamente, desejo saber porque te comprazes em alardear da tua fortuna, proondo-me diante de toda a gente partidas, que eu não posso aceitar?

Rafael fêz um movimento de ombros e respondeu:

— Porque gosto das apostas, sobretudo quando me aborreço e encontro um amigo que, como tu, se empenha em contrariar-me.

— Mas confessa ao menos que é pouco generoso zombar da minha pobreza — replicou Julio com uma expressão em que, mais que o despeito, podia notar-se a amargura.

— Pobre, tu, meu Julio! Tu, o protegido de meu ilustre pai, o conde de S. Mauro! Ora vamos, não ofendas a sorte, e sobretudo o teu nobre protetor.

Julio fixou em Rafael um dêsses olhares que tentam penetrar no íntimo das consciencias.

— Sim, efectivamente — disse suspirando e sorrindo tristemente; — o conde de S. Mauro, é meu protetor; tu o dissesse; graças a ele estudei num dos melhores colegios de Madrid, e dentro em breve terei concluido a minha carreira literaria. Serei jurisconsulto, estabelecerei banca, e se tiver talento poderei viver por minha conta sem estender diariamente a mão para receber a esmola do meu bondoso protetor. Queixar-me da minha sorte seria uma injustiça — prosseguiu Julio com expressão sarcástica; — que importa não ter conhecido os pais, não ter um nome para arremessar ao rosto dos insolentes? Tu, ao menos, filho unico de um grande de Hespanha, rico e rodeiado de considerações, pôdes desprezar os pobres engeitados, como eu.

— Meu Julio, acho-te excessivamente melodramático; e se eu soubesse que me convidavas para beber um

copo de cerveja, com o unico fim de me contar uma historia lacrimosa, não aceitaria o oferecimento.

Julio estremeceu. As suas formosas feições demudaram-se, e fixando no seu interlocutor um olhar que podia tomar-se por uma ameaça, replicou:

— Rafael, rogo-te que sejas franco comigo uma vez ao menos. Amas Luiza?

— Demonio! Essa pergunta feita por ti tem mais importancia do que parece.

— Peço-te — tornou Julio, tentando dominar-se — peço-te que me respondas.

— Luiza é uma rapariga encantadora, que levará em dote trezentos contos ao homem que tiver a ventura de a levar ao pé do altar; e trezentos contos, dezenove anos, um rosto de anjo, e um nome ilustre, são coisas bastante tentadoras para um homem nas minhas condições.

— Então ama-la?

— Não sei se a amo; o que posso afirmar-te é que a pretendo. Por ora dedico-me ao pai. Seguindo este caminho, não me será difícil chegar a encontrar a filha.

— Pois bem, Rafael; eu amo Luiza de toda a minha alma; e, não me tomes por fatuo, por um pretensioso ridiculo, mas creio que sou correspondido.

— Tu!

— Eu, sim. Que te admira?

— Que sendo tu um rapaz de tanto talento, percas tristemente o tempo fazeudo castelos no ar.

— Nesse caso julgas...

— Que o pai de Luiza nunca dará o seu consentimento para que seja tua esposa.

E Rafael, acendendo um cigarro, proseguiu em tom pedantesco:

— Ontem á noite sem ir mais longe, estavamos jogando uma partida de xadrez, eu e o D. Diogo, quando a conversação recaiu sobre ti.

— Tens inconveniente em repetir-me o que disse de mim o pai de Luiza?

— Se me prometes ser prudente...

— Sê-lo-ei; fala.

— Pois bem. Vou-te repetir as mesmas palavras de D. Diogo; isto provar-te-á que, apesar de todas as tuas zombarias, sou um bom amigo teu.

— De antemão te agradeço.

— Estavamos, como disse, jogando uma partida de xadrez, quando, ao mudar o cavalo, me disse: "Homem, disseram-me que Julio está enamorado de Luiza. Pobre rapaz! Perde o seu tempo; antes empregasse essas horas que dedica a amor impossível, em procurar um nome, porque, segundo me disseram, não tem nenhum".

Distendeu-se pelo rosto de Julio a palidez da morte. Por um impulso involuntário poz-se de pé; os seus olhos negros e grandes, scintilaram com um fulgor siniestro, manifestando a terrível tempestade que se desfazia em sua alma. Mas instantaneamente deixou-se cair num divan, como se tivesse esgotado todas as suas forças, e murmurou:

— Sim, esse orgulhoso milionário tem razão; devo procurar um nome que me é preciso, e hei de encontrar-o. Realmente, fiz mal em fixar os olhos em Luiza. Ela é rica, e eu sou pobre... e a sociedade é bastante mesquinha para que deixe de adulterar as minhas intenções.

E, sorrindo de um modo forçado, prosseguiu:

— Agradeço-te a revelação que acabas de fazer-me. Reconheço que tu és um bom amigo: estou satisfeito de ti, e devo manifestar-to, sendo tão franco, como tu acabas de o ser comigo. Eu amo Luiza, tu ama-la também ou pelo menos deseja-la; todas as vantagens estão por meu lado, que és visconde e rico, enquanto que eu sou um pobre engeitado: mas o desespero leva os homens ao crime,—não o esqueças. Luiza será minha ou de ninguém.

E dizendo isto, ergueu-se e saiu precipitadamente do café.

Rafael não tentou detê-lo; conservou-se no mesmo sitio; mas no seu semblante descobria-se o efeito que as últimas palavras de Julio lhe tinham causado.

CAPITULO II

O conde de S. Mauro

Paulo de Segura, conde de S. Mauro, era um desses aristocratas que não transigem com os progressos da época; no seu caráter e no seu temperamento havia mais de senhor feudal que de fidalgo do século dezenove.

Aos trinta anos, depois de uma mocidade bastante inquieta, enfadado de viagens e de amores comprados, contraiu matrimônio com a condessa de Montano tão rica e tão nobre como ele.

Por esse tempo murmurou-se em Madrid que o casamento do conde de S. Mauro tinha sido puramente de conveniência, um casamento de família que unia duas casas poderosas, sem que em nada se atendesse ao amor nem às simpatias.

Ao fim de um ano deu a condessa à luz um filho, a quem pôz o nome de Rafael; mas a pobre senhora apenas sobreviveu alguns meses ao querido fruto das suas entranhas.

O conde ficou viúvo e senhor de uma fortuna imensa. Rafael cresceu nos braços da sua ama, depois passou às de um aio, e foi metido num colégio de Paris até à idade de quize anos, em que voltou para casa de seu pai, para seguir, por luxo, uma carreira literária, que nunca devia exercer.

Na época em que começa a nossa história, o conde tinha completado cinqüenta anos e Rafael vinte.

D. Paulo tinha um caráter violento, despotico, mas como todas as organizações energicas tinha o seu fraco: Rafael, que dominava seu pai, que era o tirano da casa. Os seus caprichos chegaram a ser leis para o conde de S. Mauro.

Dados estes precedentes, penetremos no gabinete do conde, e encontra-lo-emos sentado numa cadeira, lendo um periódico, quando um mancebo, em quem os nossos leitores podem reconhecer aquele que, com o nome

de Julio, viram pela primeira vez no bilhar do café Suíço, assomando à porta, disse timidamente:

— Dá-me licença, sr. conde?

O conde levantou os olhos do periódico, fixou-os no mancebo, detendo por um momento com interesse o olhar nele, e respondeu:

— Entra, Julio. Que desejas?

Julio avançou até colocar-se a dois passos de D. Paulo.

— Sr. conde — disse — venho pedir a v. ex.^a licença para partir para o Ultramar.

O conde largou o periódico, fixou no mancebo um olhar cheio de assombro, e replicou:

— Para o Ultramar! Que veneta foi essa que te deu?

— Se não receiasse incomodar o sr. conde, atrever-me-ia a falar-lhe com toda a franqueza, a dizer-lhe tudo quanto sinto.

— Fala á tua vontade; agora precisamente não tenho nada que fazer, bem vés; estava lendo um periódico; mas senta-te e deixa essa intonação e esse aspecto melodramático. Vamos a saber o que tens, porque deve necessariamente suceder-te alguma coisa de extraordinário, para tomares uma resolução dessa natureza. Fala, pois, e acabemos.

— O que me sucede é bastante grave: tenho vinte e quatro anos, e uma carreira literária concluída, mercê da protecção de v. ex.^a; mas falta-me um nome que lance ao rosto de alguns imprudentes.

O conde fez um movimento brusco; o seu rosto severo demudou-se instantaneamente, mas breve readquiriu a sua gravidade habitual.

Esteve silencioso por alguns momentos. A imobilidade do seu olhar dava a entender que meditava. Julio tinha o olhar fixo nele.

— Nesse caso, pelo que se depreende das tuas palavras — tornou D. Paulo — deparaste com um insolente que te deu algum desgosto.

— Sim, senhor.

— E quem é ele?

— O filho de um fidalgo.

— E tu, não és afilhado e protegido do conde de S. Mauro? Pois isso deve bastar a todos os teus amigos para que não se desprezem de tratar contigo.

— Devo ser franco com v. ex.^a, sr. conde — replicou Julio; — eu amo uma mulher.

— Nada mais natural.

— Essa mulher é rica...

— Tanto melhor. Vivemos numa época em que o ouro é o rei do mundo.

— Se essa mulher fosse pobre — continuou Julio como se não desse ouvidos ás palavras do conde — ama-la-ia igualmente; não foram os seus milhões que me seduziram, mas sim a beleza da sua alma e do seu rosto.

— Bem, vamos adiante.

— Outro homem ama a mulher que eu adoro, e esse homem teve a franqueza ou a audacia de me dizer, que para pedir uma mulher decente e que ocupa uma elevada posição na sociedade, é mister antes de tudo um nome; e eu sr. conde, não o tenho, infelizmente.

Julio tinha pronunciado estas palavras com profunda amargura. A seus formosos olhos assumaram duas lágrimas que lhe vinham da alma.

O conde, mais contrariado com aquela scena do que comovido, fez um movimento de desgosto e disse:

— Ora adeus! Quem é que dá importancia aos invejosos? Tu és, por muitas círcunstancias, um moço apreciavel. Eu, que curei da tua infancia e da tua educação, que te dei uma posição, estou pronto a ajudarte, recomendando-te a todos os meus amigos, quando abrires escritório, e a dar-te um bom dóte no dia em que te casares.

— Estou decidido sr. conde — acrescentou Julio com dignidade — a não aceitar mais favores de pessoa alguma. Se não descobrir a minha origem, se não conseguir saber o nome daqueles a quem devo o ser, partirei para a America e nunca mais me tornarão a ver aqueles que me conheceraam na Europa.

— Mas o que intentas fazer é matar o teu futuro! — exclamou o conde, dando um murro num dos braços

da cadeira em que estava sentado.—Que te importa a ti o que pôdem dizer quatro imbecis? Falta-te alguma cousa?

— Falta-me um nome, sr. conde; e visto que sou um engeitado, estou resolvido a sair désta terra onde todos me apontam ao dedo.

Havia tanta energia na voz de Julio, que o conde ficou olhando-a fixamente, com visivel assombro.

— Pois bem, seja o que fôr; proíbo-te que tomes uma resolução que me desgostaria.

— Pela primeira vez na minha vida me verei na necessidade de desobedecer ao homem a quem tantos favores devo!

— Desobedecer-me! Sabes o que me estás dizendo?

— Sei, porque estou firmemente resolvido a partir para as Antilhas, se não descobrir o nome de meus pais; e tenho a firme convicção de que o sr. conde o sabe e m'o oculta, procedimento este que não posso compreender.

— Fizeste proposito de me desesperar, Julio?

— Fiz proposito de saber o segredo da minha vida, ou quebrar todos os laços que me unem á Espanha.

— Basta! — exclamou o conde erguendo-se da cadeira e começando a passeiar apressadamente pelo quarto.

— Isso não é uma resposta — disse Julio.

— Pois eu não posso dar-te outra.

— Então peço licença a v. ex.^a para me retirar.

— Faz o que quizeres; mas livra-te de tomar qualquer resolução sem me consultares.

Julio saiu respeitosamente da sala.

O conde continuou passeando, profundamente preocupado.

Assim se passou uma hora durante a qual D. Paulo passeiou incessantemente com o olhar fixo no tapete.

Era fóra de duvida que algum pensamento triste o preocupava; e só Deus sabe o tempo que se teria conservado imerso nos seus pensamentos se uma mulher vestida de preto não tivesse entrado no quarto.

Aquela mulher teria de quarenta e quatro a quarenta

e seis anos de idade, e as suas feições conservavam ainda uns vestígios da sua passada formosura. Vestia com modéstia, e, olhando-a detidamente, podia notar-se na expressão dos seus grandes e formosos olhos pretos alguma parecença com os de Julio.

Por espaço de um segundo permaneceu imóvel junto da porta, com o olhar fixo no conde: mas de突bito, como se obedecesse a um impulso do seu coração, voltou-se rapidamente e fechou a porta por dentro, dando uma volta á chave. Este ruido fez voltar a cabeça ao conde que, vendo aquela mulher na atitude severa que tinha tomado, recuou um passo, dizendo:

— Tembem tu vens dar-me algum desgosto, Madalena? Apostaram-se hoje todos a desesperar-me?

— Julio acaba de dizer-me que está resolvido a sair de Espanha — disse Madalena, caminhando com o olhar fixo no conde — e eu não quero que ele se separe do meu lado.

— E que me importa a mim que a senhora não queira? — respondeu o conde, dirigindo um olhar ameaçador a Madalena. — Julio é um ingrato; conhece quanto eu o amo e abusa da minha bondade. Já lhe disse que desistisse da sua ideia. Se não tomar o meu conselho, o mal será para ele. Que vá, que vá: um dia sentirá a falta do seu protector.

— Torno a dizer ao sr. conde, que nunca consentirei em que Julio se separe do meu lado — acrescentou com energia, mas em voz baixa Madalena. — Ha vinte e quatro anos que me pozeram uma mordaça na boca, e disseram ao meu coração: "Cala-te e sofre!" Pois bem, sr. conde, se v. ex.^a não evita a viagem de Julio, arrancarei a mordaça, falarei, e esse pobre rapaz, a quem o menino Rafael trata com tanto desrespeito, saberá o que tão ardente deseja saber.

— Essa ameaça podia ficar bem cara á senhora e ao seu protegido. Mas não, não; sei que diz tudo isso para me assustar. Não é verdade Madalena, que será prudente, que não dirá coisa alguma a Julio, e que Rafael nunca saberá

E o conde dirigiu um olhar receoso em derredor de si, como se temesse que alguém o escutasse.

— Senhor,—respondeu Madalena—eu soube calarme durante vinte e quatro anos. Nem as minhas palavras nem os meus actos revelaram o segredo que oculto no meu coração; mas trata-se da felicidade de Julio, e por ela sinto-me disposta a sacrificar a própria vida.

O conde levou a mão á fronte, suspirou e ficou silencioso.

Madalena prosseguiu:

— Ha pouco entrou Julio no meu quarto; tinha os olhos vermelhos de chorar, estava palido e convulso. Ao vê-lo julguei-o doente, e perguntei-lhe o que tinha; sentou-se no sofá e disse-me: «Madalena, a senhora é a governanta do sr. conde de S. Mauro desde o dia em que s. ex.^a me tornou sob a sua proteção, não me recordo da época, pois que^z se perde nos primeiros dias da minha infância, estou habituado a vê-la a si nesta casa, e sempre me tem dedicado tal carinho que não sei como manifestar-lhe a gratidão que me inspira. A senhora foi sempre uma boa amiga; a senhora enxugou muitas vezes as minhas lagrimas e ocultou os meus desvarios de criança; eu amo-a como se fôr minha mãe. Deus, que não permitiu que eu conhecesse a que me trouxe no seu seio, fêz com que a senhora, minha boa Madalena, me prodigalisasse todo o afécto, todas as caricias de uma mãe.» Julio dizia isto, sr. conde, com os olhos rasos de lagrimas, e apertando-me ternamente as mãos que beijava repetidas vezes. Avaliará v. ex.^a o valor de que careci para guardar o segredo no fundo da minha alma.

Madalena chorava.

O conde permanecia enterrado e imóvel na sua cadeira.

CAPITULO III

O visconde de S. Mauro

Houve uma pequena pausa. Madalena enxugou as lagrimas e prosseguiu assim:

— Julio olhava-me com ternura; a sua voz era suplicante e tinha afectuosamente apertadas as minhas mãos entre as suas. Eu careci de todo o men valor para não lhe revelar o que tanto anciava saber.

“Madalena — me dizia ele — a senhora que tem sido para mim um anjo de bondade; a senhora para quem o sr. conde não tem segredos, não deve ignorar certamente a historia do meu nascimento. Quem me trouxe para esta casa? Onde me baptisaram? Quem são meus pais? Por humildes, por pobres, por desgraçados que sejam, desejo sabê-lo, quero, tenho direito de os conhecer. Não me oculte coisa alguma, Madalena. Eu preciso de um nome que não tenho; de contrario, fugirei desta casa para nunca mais voltar; irei para a America em busca de um nome e de uma familia que não posso encontrar em Espanha...”

— Bem pôde cempreender, sr. conde — acrescentou Madalena — o horrivel martirio que eu devia sofrer ao dizer-lhe que não sabia coisa alguma, e que para mim, como para ele, era um segredo a origem do seu nascimento; conheço-o demasiado; sei quão brioso é, e estou certa de que partirá para jámais voltar a Espanha.

Madalena ocultou o rosto entre as mãos: os soluços afogavam-na.

O conde, sempre imovel, sempre enterrado na cadeira, como se a mão dos remorsos o tivesse escravizado, guardava silencio.

— Bem sabe, Madalena, que é totalmente impossivel satisfazer os desejos de Julio — disse o conde, depois de um longo silencio — Estou resolvido a fazêr por ele tudo quanto me seja possivel; mas nunca lhe revelarei o nome de seu pai. Espero que a senhora me evite os desgostos que a tenacidade dêsse rapaz pôde ocasionar-me.

— E' bastante dificil o que v. ex.^o me pede. Julio não pôde conservar-se por muito tempo nesta casa; o menino Rafael odeia-o, e é raro passar-se um dia sem que lhe lance em rosto a sua origem desconhecida.

— Imprei silencio a meu filho.

— Não obedecerá.

— Obrigá-lo-ei a empreender uma viagem; que vá para Paris; para Londres, para onde quiser.

— Não irá.

— Ha-de ir, se eu lho ordenar — respondeu o conde em tom irado.

— O menino Rafael, o herdeiro do conde de S. Mauro, ama a formosa Luiza, filha do rico milionário D. Diogo de Alcantara.

— Eis af a causa de todos os nossos desgostos. Julio tambem ama essa menina: foi demasiada ambição pôr os olhos numa mulher que terá em dote trescentos contos no dia do seu casamento.

— Luiza corresponde ao amor de Julio.

— Luiza há-de obedecer a seu pai, que me concedeu a mão da filha para meu filho Rafael.

Aqui chegava a conversação quando bateram á porta.

O conde colocou o index da mão direita sobre os labios, impondo silencio, e depois estendeu a esquerda indicando a porta da alcova.

Madalena entrou, correndo cuidadosamente a cortina de veludo.

O conde procurou serenar-se e depois abriu a porta.

Um mancebo elegantemente vestido se apresentou no gabinete. Era o mesmo que com o nome de Rafael, vimos no bilhar do Café Suisse.

— O seu gabinete — disse Rafael, petulantemente — vae tomar o caracter de uma fortaleza. Teve-me uma hora á porta.

E dizendo isto, deixou-se cair numa cadeira e começou a bater no bico da bota com uma badine que trazia na mão.

Como o conde guardasse silencio, Rafael, prosseguiu:

— Deve supôr que, se venho incommoda-lo a estas horas, deve ser para alguma coisa importante.

— Sim, bem sei que me procura's ver as menos vezes possivel — respondeu o conde sem olhar para ele.

— Não é minha a culpa; mas como desde algum tempo um humor negro como tinta se apoderou 'do seu animo, procuro livrar-me dele sempre que posso.

Porém, não é esta a questão ; cada um está no direito de ter o humor que quizer. Hoje venho falar-lhe por dois motivos : o primeiro, porque não tenho dinheiro e preciso que me faça um emprestimo á conta da minha mezada ; o segundo, para lhe dizer que na primeira ocasião que se me oferecer, golpearei a cara com este junco ao seu protegido, o orgulhoso e enfatuado sr. Julio.

— Julio — respondeu o conde, que parecia não se atrever a olhar para seu filho — é um bom rapaz, de grande conveniencia para nós, pois que desempenha todos os meus negocios com inteligencia e probidade; e surpreende-me que tu estejas tão descontente com ele.

— Ora ! Cuida o pai que não encontrariamos um administrador tão inteligente e tão honrado como Julio, se o despedissemos. Demais esse homem incomoda-me; por toda a parte o encontro, atreve-se a tratar-me por tu, e, o que é peior, ousa fazer a corte á minha prometida. Isto não há-de ter um desenlace fatal, porque desde já o previno que me incomoda extraordinariamente. É portanto necessário que o despeça desta casa, e espero que fará a vontade.

— Impossivel.

— A! Vejo meu querido pai, que tem muito interesse em conservar a seu lado esse impertinente.

— É um pobre orfão.

— Sim, um pobre orfão, a quem infelizmente para mim, o senhor ama tanto como se fôra seu filho.

— Advirto-te, Rafael, de que me enfadam as tuas exigencias.

— Não conheço nada mais despotico do que os pais — respondeu com certa insolencia o visconde de S. Mauro ; — quando não tem palavras que responder ás justas rasões dos filhos, fazem de senhores e dão por terminada a questão. Isto é muito comodo e muito simples ; mas eu resolvi não ceder, ainda que tenha de dar um escandalo em Madrid. Bole-me com os nervos, que um engeitado se atravesse sempre no meu caminho : estou farto de o aturar, porque afinal de contas,

quando se não tem bens de fortuna, nem sequer um nome, por modesto que seja, a vaidade, o orgulho, as pretensões, são outras tantas ridicularias que fazem rir as pessoas bem nascidas. Esta manhã, esse seu protegido, esse insuportavel engeitado, atreveu-se a ameaçar-me.

— Julio ameaçar-te a ti? — exclamou o conde empalidecendo.

— Oh! Não se assuste por isso — tornou Rafael friamente. — Quando chegar o momento de querer pôr em prática a ameaça, eu saberei defender-me; salvo se meu pai, seu incansavel protector, se opozer e me ordenar que sofra com o resignação de um santo os insultos desse intruso, o que será bastante difícil.

— O que eu desejo, e que te suplico, é que me deixes. Vou chamar imediatamente Julio e fa-lo-ei desistir do seu louco intento.

— Agradecer-lhe-ei de toda a minha alma; e visto que está resolvido a que Julio se conserve nesta casa, visto que, segundo comprehendo, embora me abstenha de averiguar a causa, o senhor tem um decidido empenho em conservar esse homem a seu lado, trate de arranjar o mais breve possivel o meu casamento. Dê-me agora, ou empreste-me, como quizer, cem libras, de que preciso absolutamente.

— Gastas muito, Rafael, muito Rafael!

— Sou seu filho, seu unico herdeiro: para que diabo quer os milhões que lhe trouxe minha mãe em dote, e que tão legitimamente me pertencem?

O conde abafou um suspiro; Rafael tinha-o dominado. D. Paulo só com seu filho era fraco até á cobardia.

Abriu uma das gavetas da mésa, tirou duma carteira dez notas de quarenta e cinco mil réis, e entregou-as a Rafael sem descerrar os labios.

O visconde dobrou cuidadosamente as notas, guardou-as no bolso de peito do casaco, tirou um charuto havano, da charuteira que estava sobre o fogão, acendeu-o, e saudando o pái, disse-lhe:

— Vou deixá-lo, pois conheço que está hoje de mau

humor; mas torno a repetir-lhe: é necessário que Julio ou eu saímos desta casa em antes de quinze dias. Sobretudo recomendo-lhe que o aconselhe a que não torne a importunar Luiza com as suas imbecilidades; de contrario não respondo por nada.

Rafael saiu com a cabeça erguida, como um gladiador que acaba de ver rendido a seus pés o seu adversário.

Um momento depois, corria-se a cortina que ocultava a alcova, e apresentava-se D. Madalena no gabinete.

Madalena fixou no conde um olhar provocador.

D. Paulo dirigiu por sua vez outro olhar á sua governanta.

— Paulo — lhe disse ela com uma firmeza que fez estremecer o conde — sou a hora da reparação: nada quero para mim, tudo para Julio. Se quer evitar uma desgraça, não vacile em revelar a nosso filho a origem do seu nascimento.

O conde poz-se a pé como impelido por uma mola; estava pálido como um cadáver; os seus olhos encovados e scintilantes, despediam nm fulgor terrível, e avançando vagarosamente, como o tigre que se dispõe a arreinssar-se sobre a prêsa, chegou até onde estava Madalena, agarrou-a rudemente por um braço, e disse-lhe com voz iracunda:

— Ha vinte anos fez-me a senhora juramento de não revelar a pessoa alguma, nem ao seu confessor, o que hoje quer que eu revele a Julio. Em taes condições entrou a senhora em minha casa para ser governanta, e ficou Julio sob a minha protecção. A senhora só desejava viver perto de seu filho, vê-lo todos os dias, amá-lo em segredo: eu acedi a tudo. O que a senhora deseja é completamente impossivel. Rafael é meu herdeiro. Julio nunca será mais que meu protegido. Se a senhora cometer alguma imprudencia, se proferir alguma palavra que possa comprometer-me, então, tudo terá acabado entre nós. Pôde retirar-se; preciso, quero estar só.

E o conde conduziu Madalena, até á porta, fê-la

saír, tornou a fechar, e deixou-se cair novamente na cadeira, exalando um gemido.

No rosto daquele homem notavam-se os vestígios do remorso; no apagado brilho de seus olhos, podia adivinhar-se o enfado do seu espírito; na palidez da sua fronte a angustia da sua alma.

O conde começava a expiar os erros da sua mocidade.

CAPÍTULO IV

Uma história vulgar

Os ricos precisam muitas vezes de se distrair, de matar o tempo, embora seja á custa das lagrimas dos pobres; sucede porém com frequencia que as gargalhadas da mocidade se convertem em amargos lamentos para a velhice.

O conde de S. Mauro contava vinte e seis anos de idade, tinha uma fortuna considerável que lhe tinham deixado seus defuntos pais, e aborrecia-se e enfadava-se em Madrid.

Era, pois, necessário distrair-se.

Uma manhã deu com os olhos num menino tão linda como modesta, que fa acompanhada de um venerando velho; deteve-se para contemplar aquela beleza fresca e rosada, como as rosas do mez de maio, seguiu-a, e em breve soube que se chamava Madalena, e que vivia sem outros parentes alem de seu avô, velho militar reformado.

—Não tenho que fazer —disse consigo; —aborreço-me solenemente; vou, pois, matar o tempo, dedicando-me a conquistar esta joven desconhecida.

Paulo deu-se a tal astucia, que dois dias depois pôde apresentar-se na modesta habitação onde viviam Madalena e o seu honrado avô, a quem o governo, como então sucedia, pagava bem mal a sua aposentação.

Mariano da Cruz era um genio excessivamente simples e franco, como costumam sel-o quasi todos os homens verdadeiramente honrados.

O conde não teve que pôr em áccão muito engenho

para captar as simpatias e a confiança do modesto e velho militar. Ocultou o seu verdadeiro nome, disse chamar-se Julio de Alcaniz, e que estava empregado no ministerio da fazenda e encarregado de investigar o estado de atrazos de militares reformados.

D. Mariano era pobre e deviam-lhe mais de vinte e quatro mezes de soldo. Madalena tambem não recebia a sua pensão, como filha unica de um comandante morto no campo da batalha; de modo que a necessidade obrigava-a a trabalhar noite e dia para se sustentar a si e ao seu pobre avôsinho.

Julio de Alcaniz foi para aquela honrada familia um raio de esperança.

Quando ia visita-los, ordinariamente ao escurecer, dizia-lhe:

— Estive hoje com o ministro, e parece-me que se ha-de fazer alguma coisa para que recebam alguns mezes dos atrazados.

Efetivamente, Madalena e o avô, receberam trez mensalidades á conta dos atrazados.

Durante estas inocentes entrevistas, Madalena, que nunca tinha sentido em seu peito ás doces inquietações do amor, começou a pensar muito no seu joven protetor.

Quanto a D. Mariano, esse tinha setenta e seis anos, era um homem simples, e Julio parecia-lhe o mais sincero rapaz do mundo, porque ouvia em religioso silencio a narração das suas campanhas, e fazia com que recebesse os seus soldos. Em breve o conde comprehendeu que tanto Madalena como seu avô aceitariam gostosos as suas pretensões, e então fez uma declaração de amor á joven, e depois de obter o sim, pediu a mão da neta ao avô.

Em tudo isto tinha empregado aproximadamente um mez.

Tinha andado com tanta firmeza, com tanta delicadeza, que apesar de tão curto espaço de tempo, chegára a ser uma necessidade para o velhor militar.

— Foi realmente uma felicidade para nós — dizia Mariano — o ter conhecido Julio. É um bom rapaz. Estou

muito contente. Sou muito velho, e embora sempre tenha tido, graças a Deus, uma natureza forte e robusta, poucos anos me restam de vida. Se antes de expirar vos vejo casados, morrerei tranquilo, porque te deixarei um protector neste mundo.

Julio fazia parte, por assim dizer, daquela honrada família, e não tardou em conquistar completamente o coração de Madalena.

Uma manhã o honrado veterano sentiu-se incomodado. Procurando a causa do seu incomodo não encontrou outra senão um copo de agua que tinha bebido. O medico disse que era uma pneumonia.

Aos setenta e seis anos todas as doenças são graves e a pneumonia mortal. Assim o julgou o facultativo, e assim o pensou Mariano, que chamando á sua cabeceira Julio de Alcaniz, lhe recomendou sua neta que ia ficar sózinha no mundo.

O conde de S. Mauro, pronunciou junto daquele leito de morte um juramento que nunca cumpriria; mas ele era nobre e rico, e Madalena uma pobre orfã. A promessa levou-a o vento.

O veterano deixou de existir.

Quando o cadáver do brioso militar baixou á campa, Madalena ficou só no mundo, sem outro protector senão Julio; isto é, o inimigo da sua honra e da sua felicidade.

O conde com o protetoxo de que a casa onde tinha morrido Mariano tinha tristes recordações para Madalena, mudou-a para outro andar mais luxuoso e mais comodo.

Madalena admirou-se daquela mudança. Julio disse-lhe que tinha comprado tudo aquilo para se casarem.

A infeliz orfã nada suspeitou, chorar a morte de seu avô, e amar Julio foram desde então as suas preocupações.

O conde tinha tomado uma criada, que pela sua idade devia inspirar confiança á orfã.

Desde então Madalena foi a amante do fingido Julio de Alcaniz. Ela não podia pensar que o seu amante faltasse a um juramento dado a um moribun-

do. Amava-o muito, amava de toda a sua alma o seu amante, e o amor é crente e cego.

Algumas vezes, quando o conde estava á noite sentado junto de Madalena, costumava ela dizer-lhe :

— Eu não duvido do teu amor, Julfo ; estou certa de que has-de cumprir a palavra que deste ao meu pobre avôsinho : mas vê que sou uma infeliz orfã, não tenho no mundo outro amparo senão tu, e se me abandonasses morreria.

Paulo fazia mil protestos de fidelidade, mas o tempo corria sem que nunca chegasse o dia de cumprir o seu juramento, porque para um conde orgulhoso, com os timbres dos seus pergaminhos, pouco vale a honra de uma plebeia.

Assim deslissou o tempo, Madaleno deu á luz um menino.

O recem-nascido foi baptisado numa das freguezias de Madrid como filhos de pais incognitos.

Madalena não soube durante muito tempo esta disposição do seu amante.

A mãe enamorada daquele fruto das suas entranhas, só tinha tempo para o amar e cria-lo a seu peito.

Passaram-se quatro anos. Com o pretexto de começar a educação de Julio, o conde arrancou-o dos braços da mãe, que só então soube que tinha sido enganada, pois que no ano precedente o conde tinha contraído matrimonio com a condessa de Montano.

Madalena esteve á morte, mas não matam os desgostos, visto que aquela infeliz pôde sobreviver a tão terrível revelação.

A circunstancia de ficar viúvo o conde depois de ano e meio de casado, fez com que Madalena concebesse alguma esperança de resgatar a sua honra.

Exigiu ao seu amante o cumprimento da sua promessa, mas o conde respondeu :

— E' impossivel. Tenho um filho de minha falecida esposa a condessa de Montano. Rafael será o herdeiro do meu titulo e da fortuna de sua mãe. Mas soeca ; não esqueceréi teu filho, nem te esqueceréi a ti ;



Madalena chorou muito, se explicou muito... (pag. 26)

é porém indispensável que para Julio seja sempre um segredo a origem do seu nascimento.

Madalena chorou muito, suplicou muito, mas não pôde conseguir.

A maior parte da fortuna do conde pertencia á condessa, e por conseguinte a Rafael. Fôra um casamento de conveniencia, uma dessas uniões que os aristocratas realisam para salvar o mau estado da sua fortuna, o que tinha obrigado a faltar á sua promessa.

Madalena teve afinal que resignar-se, e quasi perdoou ao seu amante; mas desde aquele momento ficaram quebradas as suas relações amorosas com o conde.

Passaram-se anos. Julio completou sete anos, e então Madalena pediu ao conde que a aceitasse em sua casa como governanta, pois queria viver perto de seu filho.

O conde acedeu, e desde aquele dia foi Madalena aia de seu filho e de Rafael que tinha tres anos menos que Julio.

Paulo tinha dito sempre aos seus amigos, quando lhe perguntavam quem era aquele pequeno :

— E' um pobre orfão. Encontrei-o, numa das minhas viagens, á beira de uma estrada; e já que a providencia quiz coloca-lo ao alcance da minha mão, serei seu protector, dar-lhe-ei uma carreira literária; quando fôr homem talvez mo agradeça.

Seria difícil descrever um a um todos os disvelos de Madalena, cuidando daquelas crianças. Prudente e carinhosa, quando dava um beijo no filho das suas entradas, dava outro em Rafael, causa involuntaria de que Julio se visse desherdado no mundo e sem um nome.

O viver daquela mulher com o conde foi tão digno que ninguem suspeitou que tivesse sido em outro tempo sua amante.

Entretanto o conde via crescer, não sem receio, seus dois filhos, notando a antipatia e a emulação que Rafael sentia por Julio.

Era indubitável que os remorsos começavam a azeitar o carácter de D. Pedro.

Na época em que principia a nossa narração, Julio tinha completado vinte e quatro anos e Rafael vinte e um.

A sociedade escolhida de Madrid admitia no seu seio o moço protegido do conde de S. Mauro. Julio era um desses rapazes simpáticos, de rosto engraçado figura varonil e modos elegantes que revelavam a cada passo a brilhante educação que tinha recebido.

Mais de uma vez o tinham aplaudido nas reuniões, porque cantava com primor, e tinha uma voz de barítono cheia e extensa.

Tocava piano com o desenvolvimento e a expressão de um bom professor, e Rafael ouvia com sensível desgosto os elogios que tributavam ao protegido de seu pai.

Nasceu pois a inveja mãe de todas as vilanias. O filho do conde de S. Mauro, o ilustre e rico visconde teve ciúmes de Julio.

Um novo incidente veio aumentar essa inveja e esses ciúmes.

Julio ia às reuniões íntimas do rico banqueiro D. Diogo de Alcantara cuja filha, Luiza, menina de dezenove anos, tão bela como ingénua, e dotada por natureza de uma inspiração musical de primeira plana, começou a simpatizar com o pobre orfão.

Julio e Luiza passavam algumas horas ao piano.

A música tem encantos indefiníveis.

Quando se encontram dois verdadeiros amadores, tudo é de mais para eles, exceptuando as notas que os unem, que os electrizam.

Quando Luiza e Julio estavam ao piano, quando começavam a executar as belezas de uma partitura, quando colocado na estante o imortal *Stabat Mater*, de Rossini, cantavam a *duo* o *Iuslmatus*, uma misteriosa cadeia, precedida de suaves harmonias, lhe unia os corações.

Rafael quiz algumas vezes tomar parte nos arroboos de entusiasmos que abrazavam a alma de Luiza e de

Julio: mas Rafael tocava piano péssimamente; nunca tinha conseguido executar bem um trecho; e quanto á sua voz era o pior possível.

Luiza costumava dizer:

— O sr. Rafael serve para aplaudir. Está proibido de tomar parte nos nossos ensaios.

O visconde ria-se, devorando em silêncio a cólera que lhe trasbordava do coração.

Assim iam as coisas, e entre o conde de S. Mauro e D. Diogo de Alcanfara contratou-se o casamento de Luiza com Rafael.

Julio não tinha declarado o seu amôr á filha do milionário, mas uma voz ignota lhe tinha dito: "Luiza ama-te".

Dados estes precedentes, prosigamos na nossa narração.

CAPITULO V

O xadrez e o piano

Seriam dez horas da noite.

Diogo de Alcantara jogava o xadrez com o visconde de S. Mauro.

Luiza estava sentada ao piano, e tinha na estante a sua peça predilecta: o *Stabat Mater* de Rossini.

De pé, junto ao piano, estava Julio vestido de preto, e um pouco mais palido que de costume.

O salão, não tinha mais luz que as duas velas do piano, com um grande e luxuoso globo, cujo enorme quebra luz concentrava toda a claridade sobre o tabuleiro do xadrez.

De quando em quando Rafael dirigia um olhar para o piano, e continuava o jogo disfarçando quanto lhe era possível o seu incomodo.

— Eu considero-a ditosa, minha senhora, disse Julio, porque teve o ano passado a ventura de conhecer Rossini.

— Vimo-lo na nossa ultima viagem a Pariz: foi um capricho que custou bastante a meu pai, respondeu

Luiza. O ilustre maestro recebia pouca gente na sua casa de campo. Meu pai teve que valer-se de um dos amigos intimos dêle para que nos apresentasse. Rossini nunca falava de musica; pensava mais na sua cosinha do que nas suas obras; era um original, um genio que, cançado de aplausos, se preocupava demasiado com a morte, e por isso pensava tanto na mesa: queria certamente aproveitar os dias que lhe restavam de vida.

— Mas não tocou coisa alguma ao piano? Não lhe fez ouvir alguma obra inédita?

— Quando soube que eu tinha uma verdadeira paixão pela musicā, por méra galanteria e certamente violentado, pediu-me que tocasse alguma *jota* ou canção espanhola: eu toquei umas *playeras* (*) que cantei e ele aplaudiu-me; dizendo-me ao mesmo tempo: "Bravo! bravo!" Oh! confesso-lhe que naquèle momento me senti orgulhosa.

^{*} — Rossini foi justo — tornou Julio.

— Diga antes que foi galante com a espanhola, que ia ve-lo e admirá-lo de perto.

Luiza durante este dialogo, tocava no piano umas variações sobre o *Amen* do *Stabat Mater*.

Julio escutava em silencio aquèle improviso da pianista.

— Que tem, sr. Julio — perguntou-lhe Luiza olhando-o com visivel interesse.

— O que eu tenho Luiza, é uma profunda máguia, e uma grande dôr, porque em breve nos separaremos para jámais nos vermos, e estas doces horas passadas ao piano, ficarão sendo simplesmente um sonho, uma ilusão desfeita, uma recordaçāo encantadora da mocidade.

— Mas para onde vae? — perguntou Luiza.

— Para o ultramar.

— E para que vae o sr. para a America? — tornou a perguntar Luiza com interesse.

(*) Certa toadilha ou canção do povo da Andaluzia. Tr.

— Sou pobre, minha senhora, sou órfão, e desejo
crear o futuro.

— Então o conde de S. Mauro?

— Ah! O conde já fez demasiado por mim; não
devo incomodá-lo mais.

Julio falava em voz baixa, de modo que não podessem ouví-lo; a sua voz cheia de sentimento, de emoção, tinha nm timbre suave, apaixonado,

Luiza continuava tocando muito baixo; como se os seus dedos executassem maquinalmente, e estivesse preocupada.

— Parece-me que o senhor não deve partir; tem em Madrid bons amigos — lhe disse sem erguer os formosos olhos do teclado.

— Tambem tenho inimigos irreconciliaveis que me lançam constantemente em rosto a obscuridade do meu nascimento.

— Os homens devem tornar-se superiores a essas misérias.

— Além das razões expostas — ajuntou Julio com timidez — tenho outras para querer abandonar Hespanha.

— E posso sabê-las? Sou uma boa amiga sua, e talvez que a si lhe pareçam razões solidas, o que não são mais do que susceptibilidades, filhas do seu caráter delicado.

— E' um anjo, Luiza! quando estou a seu lado, quando ouço a sua voz é a sinto ecoar no meu coração, a minha desventura aminora-se, e chego por alguns momentos a julgar-me feliz.

— Pego-lhe na palavra — disse Luiza, sorrindo-se.
— Se é certo o que acabo de ouvir, não comprehendo então porque o senhor quer abandonar Madrid.

— De que me lembrei eternamente. Ha-de me ser tão difícil o esquecer estas gratas noites...

— Pois bem, não vá — acrescentou Luiza, com sensivel impaciencia.

— É indispensavel, minha senhora.

— Jesus! Que teimoso! Pois não ouviu dizer-lhe que não quero que vá?

— Deveras, Luiza!

— Deveras, sim! Se o senhor partir, morrerei de tédio; estou certa de que não torno a abrir o piano. Pobre *Stabat-Mater!*

E Luiza começou a tocar o *inflammatus* com mais sentimento que nunca.

Entretanto, Diogo e Rafael continuavam jogando o xadrez; mas o visconde prestava mais atenção ao que se passava ao pé do piano, que ao tabuleiro que tinha diante.

Diogo tinha ganho duas partidas: estava satisfeito pela sua pericia, porque os jogadores de xadrez tem excessivamente desenvolvido o amor proprio.

Durante alguns momentos, Luiza continuou tocando; Julio conservava-se silencioso.

— Que grande homem! — disse afinal.

— Quem? — perguntou Luiza distraída.

— Rossini.

— Ah! sim! Se é!

— O autor do *Guilherme Tell* soube conquistar em nome com o seu talento; nome que vale mais que o dum príncipe de sangue real.

— Ha poucos homens como Rossini.

— Infelizmente.

Aqui houve outra pausa, que Julio interrompeu dizendo:

— Dentro em breve lembrar-me-hei dessas suaves e inspiradas notas, no meio das solidões do Oceano ou talvez nos opulentos bosques da America.

— Continua com a sua teima?

— É a minha idéa fixa, e desejo realizá-la.

— E se eu lho proibisse?

— Então...

Julio deteve-se: nos seus negros e formosos olhos brilhou instantaneamente um raio de esperança; depois, inclinando a cabeça suspirou:

— Então o quê? — perguntou Luiza recordando a ultima palavra do mancebo.

— É indispensável que parta — acrescentou Julio co-

mo obedecendo á primeira ideia — o dever e a gratidão mo aconselham.

— O senhor está esta noite como nunca; e por mais que procure as razões que pôde ter para empreender essa viagem não as descubro.

— Se v. Ex.^r não se ofendesse...

— E porque hei-de ofender-me?

— Se v. ex.^r não me julgasse ambicioso, revelar-lhe-ia o segredo do meu coração.

— Estou impaciente por saber esse segredo.

— Luiza!...

— Fale sem receio.

— Podem ouvir-nos.

— Ora! Quando meu pae tem o xadrez diante de si até da mim se esquece,

— Mas Rafael...

— E que me importa a mim o visconde? Ele vem fazer companhia ao pai e não á filha. Não nos ocupemos dêles; fale á sua vontade.

*Julio, alentado pelas palavras que Luiza acabava de dirigir-lhe, fez um esforço e disse:

— V. ex.^r sabe perfeitamente que eu desconheço os nomes de meus pais, mas que devo grandes favores ao conde de S. Mauro, ao meu generoso protector que tomou conta de mim quando eu era pequeno, que tem cuidado da minha educação, que me fez um homem, proveitoso talvez; causar-lhe um desgosto seria uma ingratidão que repugna á minha alma. Pois bem, Luiza, se me conservar em Madrid, se não puzer entre mim e Rafael a imensidade dos mares, estou certo de que mais cedo ou mais tarde sucederá uma desgraça, porque Rafael odeia-me e humilha-mé cruelmente, e talvez que ámanhã mè falte o valor para lhe sofrer os insultos e os desprezos. Demais eu amo de toda a minha alma uma mulher; os meus lábios não lhe revelaram ainda o segredo do meu coração. Ela é imensamente rica, eu sou pobre, e falta-me até v^o nome; este amor desigual é impossivel, totalmente impossivel, visto que Rafael ama ou pelo menos pretende

casar com a mesma mulher, que me ocupa completamente o pensamento.

— Ah ! vamos — replicou Luiza sorrindo. — E' verdadeiramente uma questão de ciúmes.

— Não, é de desespero ; porque sei que se me atrevesse, se fôsse suficientemente insensato para pedir a mão da mulher que amo, me expulsariam de casa, cuspindo-me no rosto uma gargalhada de desprezo.

— O sr. Julio exagera ; para um homem como o senhor não ha desprezo.

— Com os pobres poucas considerações se tem.

— Vejo que cai no êrro da pobreza : o orgulho. Mas tenho uma curiosidade ; desejo saber quem é ela.

— V. ex.^a exige-me que pronuncie o seu nome ?

— Peço-lhe encarecidamente.

— Pois bem ; a mulher que eu amo é v. ex.^a... v. ex.^a, com quem pretende casar-se o visconde de S. Mauro. Ele é rico e nobre ; eu pobre e orfão. Ele tem um pai, que pertence á primeira sociedade de Madrid ; eu ignoro quem seja o meu. Sou talvez um enfeitado, um filho do crime ! Agora, minha senhora, pese as poderosas razões que tenho para ceder o campo ao meu rival, ainda que por mais não seja, por gratidão a seu pai. Bem sei que partindo, levo o coração dilacerado ; mas não importa, irei, estou resolvido.

Julio tinha revelado o seu segredo com voz trémula e magoada ; Luiza escutou-o sem comover-se, como se não ignorasse que era amada por ele.

— Meu amigo, apesar de tudo o que acaba de dizer-me — ordenei-lhe que fique.

Julio esteve a ponto de soltar um grito de alegria. Um olhar suplicante de Luiza conteve-o.

Durante um quarto de hora apenas se ouviram as notas do piano e uma ou outra palavra dos jogadores que iam marcando a marcha das peças.

Julio, depois do que Luiza acabava de dizer-lhe, precisava respirar o ar livre, e pediu licença para se retirar.

— Espero-o amanhã — disse Luiza.

— Não faltarei — respondeu Julio.

Depois foi despedir-se de Diogo e de Rafael.
Luiza continuou tocando ao piano; o visconde e o milionario jogando o xadrez.

CAPITULO V

Um assunto importante

— V. ex.^a está esta noite invencível — disse Rafael colocando as peças para uma nova partida.

— Efectivamente; estou jogando hoje melhor do que o costume — respondeu Diogo. — Vamos agora a esta partida.

— Hei-de aplicar-me o mais possível: quero ganhá-la.

— São muito elevadas essas aspirações.

— Veremos se as realiso.

— Nada ha tão sensaborão — disse por sua vez Luiza — como o jogo do xadréz.

— Ah! bem se vê que és profana! — respondeu Diogo.

— Os senhores envelhecem aí, agarrados ao tabuleiro.

— Para mim este jôgo tem muitos encantos.

— Assim me parece. E para v. ex.^a, senhor visconde? — perguntou Luiza.

Sou partidário acerrimo do xadréz. E' um jôgo distinto, ao qual tem tributado grandes elogios penas privilegiadas.

— Pois eu prefiro a musica. Se me obrigasse a reparar por espaço de cinco minutos nesse jôgo, acabaria por adormecer.

Não lhe sucede outro tanto quando está sentada ao piano?

— Adormecer, tendo Rossini ante meus olhos! Isso seria imperdoável, seria um crime de lesa musica. Mas não os quero interromper mais. Volto ao meu piano; voltem ao seu xadréz.

A' meia noite Rafael despediu-se de Diogo e de Luiza.

O pai e a filha ficaram sós.

— Temos que falar, querida Luiza — disse Diogo. — Deixa o piano e vem sentar-te aqui ao pé de mim.

Luíza suspeitou o que seu pai ia dizer-lhe.

— Que ha? — perguntou, sentando-se perto de Diogo.

— O assunto de que vou tratar é da maior importância, pois que diz respeito á tua felicidade, ao teu futuro.

— Ah! então escuto-o com a atenção que tão importante assunto reclama; faço ideia que deve tratar-se do meu casamento.

Rafael tem pressa; quer que se efectue o casamento o mais breve possível.

— Eu desejo exactamente o contrario. Sou ainda tão nova!...

— O visconde de S. Mauro é um bom partido.

— A! sim, é rico e nobre, essas são boas condições para as mulheres ambiciosas; mas o senhor bem sabe, meu pai, eu não tenho ambição.

— Porém eu, que sou teu pai, devo pensar no teu futuro.

— Não é o senhor rico, imensamente rico? Para que preciso eu casar-me? Concebo que as raparigas que não tem outra fortuna, alem dos seus dotes fisicos e moraes, tenham pressa de encontrar um marido; mas a nós, as filhas dos banqueiros, não sucede outro tanto.

— Ainda assim, Luiza, as mulheres devem casar.

— Não comprehendo a sua tenacidade, meu pai. Poderia eu ser mais feliz, depois de casar com o visconde, do que o sou agora? Impossível! Que é o que me falta? Nada. Tenho um pai como não há outro; há vinte anos que trabalha incessantemente para me ajudar um dote, para me rodear de venturas e de comodidades, estima-me como nenhum outro homem pôde estimar-me e satisfaz todos os meus caprichos. Para que obrigar-me pois a mudar de estado, quando eu me reputo completamente feliz? Acabo de fazer dezenove anos. Além disso, eu não quero separar-me de si.

Diogo que, durante as palavras de sua filha, a tinha

contemplado com um olhar fixo, agitou a cabeça em sinal de desgosto, e disse:

— Nada do que acabas de dizer-me é natural; a mulher tem o desejo inacto do casamento. O visconde de S. Mauro é moço elegante e rico; tu apresentas obstáculos, ou para melhor dizer, inconvenientes de muito pouco valor ao teu casamento: aqui sucede inquestionavelmente alguma coisa. Peço-te que sejas franca comigo.

— Que há de suceder? — respondeu Luiza sorrindo. — Que não quero por ora abraçar-me á cruz do matrimonio, ou, o que tanto monta, sacrificar a minha liberdade de solteira, ás belas prerrogativas da filha de familia rodeiada de miminhos.

— Não é isso, não é isso! — repetiu o pai.

— Oh! que teimosinho! — exclamou Luiza batendo com o pé sobre o tapete.

Diogo pegou na mão da filha, e olhando-a fixamente, como quem deseja ler-lhe no fundo da consciencia, acrescentou.

— Minha filha, creio que é ocioso repetir-te que tu és o que eu mais amo neste mundo; e que todos os meus cuidados miram a vêr-te feliz; tenho pois um grande direito, um direito por assim dizer, santo, indiscutivel, para te exigir que sejas franca comigo, que me abras o teu coração, que confies em teu pai. Suplico-te portanto que respondas a esta pergunta: porque não queres casar com Rafael?

— Simplesmente porque o casamento por ora me assusta. Sem ir mais longe, a minha amiga Emilia Soares, minha companheira do collegio, a rapariga mais meiga, mais boa do mundo, casou o ano passado com um conde arruinado; ela levou um bom dote; antemontem fui visita-la e encontrei-a chorando.

— Que tens — lhe perguntei. — Porque choras? Porque te encontro assim palida? Tu que sempre tiveste umas cores tão boas...

— E sabe o que me respondeu Emilia? — prosseguiu Luiza — disse-me, lançando-se-me nos braços:

— Luiza; não te cases; sou a mulher mais infeliz

do mundo; meu marido é um monstro, um egoísta, um tirano; todo o amor que me jurava era uma comedia infame.

«Pobre Emilia! Ela, que julgava que o estado de casada era o eden da vida!

— Resta saber se essa tua amiga é uma dessas mulheres exigentes que tornam impossivel a paz do lar domestico.

— Exigente, Emilia! Jesus! Não diga isso papá. Se é um anjo! Se no colegio era sempre o nosso enxuga lágrimas! Apostava desde já, sem receio de perder, em como toda a culpa é do marido. Verdade é que são eles sempre quem a teem.

— Nem sempre, Luiza; há homens bons, amaveis, afectuosos, condescendentes com suas esposas...

— Mas são tão poucos, papá da minha alma!

— Rafael, por exemplo — acrescentou Diogo, que estava disposto a defender o visconde — é um rapaz que fará a tua felicidade, estou certo disso.

— Apesar de ser uma criança, apesar de não ter experiencia do mundo, suspeito que o senhor aprecia erradamente as qualidades moraes do visconde.

— Vejamos os motivos que tens para me fazeres oposição.

— Vou ser muito franca comsigo. Um dos primeiros defeitos de Rafael é o orgulho.

— Orgulho! um rapaz que vem aqui todas as noites e me sacrifica tres horas; podendo passa-las mais agradavelmente noutra parte?

— Ora adeus! Porque lhe convém agora. Ele disse comsigo:

“Diogo gosta muito do xadrez; eu quero casar com a filha; ganharei primeiro as simpatias do pai; e assim tenho meio caminho andado para apanhar os trezentos contos de dote que a filha tem.”

“— Mas eu afirmo-lhe — concluiu Luiza — que se casar comigo, quinze dias depois já se não lembra do taboleiro, nem dos piões, nem das torres do xadrez.

— Isso não passa de ser uma suposição tua.

— Isto é simplesmente fazer a historia do futuro.

— E porque não has de tu dizer-me francamente que não o amas?

— Nem o amo, nem o aborreço; desagrada-me um pouco que seja de uma natureza tão anti-musical.

— De modo que estimarias mais que Julio fosse o visconde de S. Mauro? — perguntou com visivel intenção Diogo.

— Vou ser franca consigo: sim, senhor, estimaria.

— Amas, por desgraça, Julio?

— Então Julio é desgraça? — respondeu Luiza, dando á sua voz uma entonação grave que contrastava com a sua habitual alegria. — O visconde, que devia estimá-lo como seu irmão, visto que se criaram juntos desde pequenos, compraz-se em lhe ferir o amor proprio, e isso é uma prova de que Rafael tem mau coração; e quando o coração é mau para um amigo, é-o tambem para uma esposa.

— É que tu ignoras talvez que Julio é orgulhoso.

— Tem o orgulho da desgraça, da dignidade ofendida!

— Julio não sabe quem são os pais.

— A culpa não é sua. Dizem que o conde de S. Mauro tomou conta dele, encontrando-o numa estrada, quando apenas contava quatro anos de idade; educou-o e tem-no tratado como um filho. Rafael devia chamá-lhe irmão. Os favores fazem-se completos. ou não se fazem. Quem toma conta de um engeitado, quem cuida da sua infancia, e fórmá, com a educação que lhe dá a sua segunda natureza, contrae com ele os sagrados deveres de um pai. O conde de S. Mauro, deve, portanto, perfilhar Julio, dar-lhe uma parte da sua fortuna; do contrario, em vez de fazer a felicidade do pobre orfão, fará a sua desgraça, porque que lhe fez antever o ceu, para em breve o mergulhar no inferno.

— Sabes Luiza, que me causa admiração a seriedade das tuas reflexões, e me fazem supor que te interessas vivamente pelo afilhado do conde de S. Mauro?

— Creio que não vae repreender-me por eu ter bom coração. Julio é infeliz e eu tenho dó dele.

— Cautela Luiza! — acrescentou Diogo com receio. —

Na mulher a compaixão está muito proximo do amor, e eu desejo, quero, que sejas a esposa do visconde de S. Mauro. Não esqueças estas palavras,

E Diogo beijando a filha na testa, proseguiu:

—Boas noites, minha filha.
—Boas noites, papá.

E ambos sairam do salão; Luiza foi-se fechar no seu quarto de dormir; Diogo no seu gabinete, para escrever varias cartas aos seus correspondentes no estrangeiro.

Luiza acabava de dar um grande passo, o mais difícil, o mais delicado, pois que tinha revelado o nascente amor a que sentia por Julio.

Se o pobre orfão a tivesse ouvido fazer a sua defeza, ter-se-ia julgado menos desgraçado do que na realidade o era.

CAPITULO VII

Em que se prova que os ricos querem conseguir tudo á força de dinheiro

Dois dias depois recebeu Julio uma carta, concebida nestes termos:

"Sr. Julio:

"Preciso falar-lhe, para tratar de um assunto de grande importancia. Não quero que esta entrevista se efectue em minha casa para evitar suspeitas. Espero-o ás tres horas da tarde, na bolsa, e dai iremos para onde o senhor quizer e seja possivel falar sem testemunhas importunas.

De v. etc.

Diogo de Alcantara..

Esta carta causou bastante surpreza a Julio.

Na noite anterior não tinha falado com a mulher que amava.

Luiza tinha um camarote na opera. Muito amadora de musica, poucos espectaculos perdia.

Ora Julio não pôde ir naquela noite ao teatro: perdeu uma partitura de Meyerbeer, e trocar um por outro olhar com Luiza.

A carta de Diogo anunciava-lhe o quer que fosse grave. Esperou com impaciencia a hora da entrevista e dirigiu-se á bolsa.

Diogo estava ali.

—Dou-lhe os meus agradecimentos pela sua pontualidade, e eu estou ás suas ordens — disse o milionario — o meu carro está esperando à porta, e conduzir-nos-á aonde o senhor quizer.

—Iremos para onde v. ex.^a determinar — respondeu Julio.

—O dia está bonito. — Apetece-me dar um passeio; ordenarei que nos levem pela estrada de Alcalá; ali desceremos, falaremos, e passearemos, se assim o quer.

—Já disse a v. ex.^a que estou ao seu dispôr.

Um momento depois, a elegante vitoria de D. Diogo de Alcántara, partia da praça da Lenha, puchada por duas poderosas eguas normandas.

Durante os primeiros momentos, Julio guardou silêncio; Diogo estava tambem calado, buscando talvez o meio de entabolar uma conversação bastante embarracosa para ele, pois que, canhecendo a delicada susceptibilidade do orfão, receiaava ofende-lo.

Quando o carro entrou no Prado pela calçada das Cortes, quando o ruida das rodas se amorteceu sobre o macio terreno do primeiro passeio de Madrid, Diogo disse:

—A minha carta deve necessariamente tê-lo surpreendido, meu caro Julio.

—Não formei sobre ela juizo algum. V. ex.^a é um homem de negocios, e esperei tranquilamente a hora da entrevista para me apresentar ás suas ordens.

—Todavia, deve ter compreendido que, o motivo que aqui nos reune não é negocio de Bolsa, mas sim de familia.

E Diogo, fazendo um esforço por sorrir-se, acrescentou:

—Trata-se de minha filha.

Julio ficou impassivel; mas ao banqueiro pareceu-lhe ouvir as pulsações agitadas do coração do orfão.

— Conheço o senhor suficientemente, e inspira-me confiança — tornou Diogo; — não é um desses rapazes superficiais, com quem se pôde falar a sério um quarto de hora. Isto dá-me coragem e espero que acabaremos por entender-nos.

— O meu desejo é comprazer v. ex.^a.

— Desde já lhe agradeço, e repito que espero que havemos de entender-nos.

Diogo puchou de uma enorme charuteira de couro da Russia e ofereceu um *tabuco* a Julio.

Depois de acendido o havano, como o carro tivesse chegado ao caminho da venda do Espírito Santo, Diogo puchou pelo cordão, o carro parou e apearam-se.

O milionario travou familiarmente o braço do orfão.

O dia não podia ser mais belo; um desses dias de inverno em que o céu está limpido de nuvens e o ar dorme tranquilo na caverna do Eolo.

O cocheiro acertou o passo das égoas ao do amo, para estar proximo quando ele quizesse tornar a subir para o carro.

Nos dias bons, as ayes humanas de Madrid abandonam as suas gaiolas para gosar algumas horas de sol e de liverdade.

Julio e Diogo, de braço dado, e sem se importarem com os desconhecidos transeuntes, começaram a falar no seu assunto.

— O senhor deve saber, querido Julio — disse o milionario — que o visconde de S. Mauro pediu a mão de minha filha. É um casamento combinado entre mim e o pai d'ele; negocio de familia, que assegura a felicidade de Rafael e de Luiza.

Diogo parou, ou para observar o efeito que as suas palavras produziam em Julio, ou porque não encontrava meio de entrar de golpe no assunto.

— Sim, Rafael disse-me isso mesmo; — respondeu secamente Julio.

— Eles amam-se — acrescentou Diogo. — Que diabo se lhe ha de fazer? O maior desejo dos pais é fazer a

felicidade dos filhos. Oh! Quanto o senhor deve sentir o não ter pais!

— Sinto-o tanto, meu caro senhor, — tornou Julio empalidecendo — que se me antolha que é essa a minha maior desgraça. Mas rogo-lhe que continuemos falando sobre o assunto desta entrevista.

— Homem! o assunto desta entrevista reduz-se simplesmente a fazer-lhe uma proposta... Ouve dizer que o senhor quer partir para a America.

— Sim, pensava nisso ha dias; mas ainda não estou completamente resolvido

— A America é um grande paiz para os mancebos que desejam criar uma fortuna e são dedicados ao trabalho. Eu tenho por lá bastantes negocios, e quando me disseram que o senhor estava resolvido a empreender a viagem, disse comigo:

“Julio é um rapaz honrado, activo e inteligente, e ha de fazer fortuna no ultramar; se ele quizesse encarregar-se dos negocios da minha casa naquelas terras, poderia lucrar e eu tambem.

— Sr. Diogo, parece-me que v. ex.^a não me fala com toda a franqueza — disse Julio; — e faz mal; porque sem franqueza será dificil que nos entendamos.

O milionario ficou desorientado por aquela rude descarga que Julio lhe disparou. Vacilou por um momento, sem saber como reatar o fio da conversação; mas por fim julgou prudente tomar o conselho de Julio e acrescentou:

— Já que o senhor me exige ou, para melhor dizer, me aconselha a que seja franco, vou sê-lo.

— Dêsse modo entender-nos-hemos mais depressa.

— Pois segundo me afirmaram — tornou Diogo — o senhor tenciona sair de Espanha e passar á America. A causa desta resolução não é outra senão alguns desgostositos que o caracter do visconde de S. Mauro lhe proporciona. Nem trato de defender Rafael, que está em vespertas de ser meu genro, nem a si, a quem reconheço dotes elevadissimos, que respeito e prezo como merecem; mas julgo-me um homem justo, e

gosto de dar a Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar.

Julio, compreendendo que todos os desejos do milionário, se reduziam a encontrar a forma mais conveniente para lhe fazer a proposta já indicada, sorriu-se, condoendo-se talvez dos apuros do pai de Luiza.

Diogo prosseguiu:

— Numa palavra, querido Julio: Rafael e o senhor estão colocados em má posição; e se o senhor é grato, se tem algum afecto e algum respeito ao conde de S. Mauro, parece-me que chegou a ocasião de lho provar.

— E de que modo, sr. Diogo?

— Ora essa! Realisando a ideia que tem de partir para a America.

— Ah! Sim! E' verdade. Dêsse modo, Rafael que, apesar de rico e nobre, tem o coração bastante mesquinho, para abrigar nele a lepra da inveja, livrar-se-ia de um homem que o incomoda, que lhe faz sombra, como vulgarmente se diz. Eu também pensei o mesmo, sr. Diogo, também pensei em partir. E' justo que o conde de S. Mauro viva tranquilo com seu filho; é justo que o engeitado, o orfão, o bastardo, talvez, mostre que é mais nobre que o ilustre visconde. Mas que quer v. ex.^a? Eu estava resolvido a colocar entre mim e Rafael a imensidão dos mares, evitando assim as impertinências de um enfatizado que me incomoda bastante, mas hoje mudei de parecer e fico em Espanha.

— Seria talvez uma exigência imprudente o perguntar-lhe os motivos que o obrigam a tomar essa resolução que tão grave pôde ser para si?

— Simplesmente o empenho que tenho em procurar o autor dos meus dias.

— Isso parece-me bastante difícil.

— O procurá-lo?

— Não, o encontrá-lo.

— Quem sabe! — respondeu Julio, encolhendo os ombros. — Farei pela minha parte tudo quanto fôr possível, e se nada conseguir, então voltarei á minha ideia do ultramar, esperando que v. ex.^a me dê alguma

carta de recomendação para os seus corrrsspondentes.

— E até que isso suceda, tencionava viver em casa do conde de S. Mauro?

— Não, senhor; eu mesmo me despeço do meu protector. A minha presença em sua casa é um perigo; hei de procurar encontrar-me o menos possível com Rafael.

Diogo guardou silencio por um momento, depois fez um movimento de cabeça, como se reprovasse a ideia de Julio e disse:

— Parece-me que seria melhor decidir-se a partir para a Havana. Que demonio! Julgue-me, muito embora, egoista, continuarei aconselhando-lhe a viagem, pois que preciso exactamente agora, um homem inteligente que percorra alguns pontos da America; se o senhor se decidisse, eu assegurar-lhe-ia um bom ordenado, e far-lhe-ia um adiantamento de fundos para as despezas da viagem.

— Fico profundamente agradecido pelo oferecimento que v. ex.^a acaba de fazer-me — respondeu Julio, dominando-se, pois que, adivinhava as intenções do milionario; — mas, como disse há pouco, não estou resolvido a empreender a viagem.

— Vamos, já comprehendo — acrescentou Diogo, sorrindo-se. — Tem por aí algum amorsito, alguma rapariga que se opõe á separação...

— As mulheres, sr. Diogo, fazem pouco caso dos pobres, e infelizmente, v. ex.^a bem sabe, que eu não possuo mais bens de fortuna do que a minha honra.

— Então, permita-me que lhe diga que despresa uma boa ocasião. Os rapazes pensam pouco no futuro, e depois arrependem-se de ter dissipado sem fructo os melhores anos da sua vida. Mas apesar de tudo, não desisto do meu empenho; sou homem de muita força de vontade, e persisto na minha. Se o senhor aceitar as minhas propostas, pôde contar com quatrocentas libras de ordenado anual, fixo, dois por cento em todos os negocios, e cem libras para despezas de viagem. Creio que a proposta é vantajosa. Quantos no seu logar aceitariam!

— E todavia chame-me v. ex.^a muito embora difícil de contentar; mas eu não posso aceitar tão vantajosas condições.

Julio tinha a convicção de que Diogo não tinha falado com franqueza; que o motivo da entrevista era outro e não o que acabava de dizer-lhe.

Efectivamente, o milionario desejava vêr-se livre de um rapaz que inspirava simpatias a sua filha, porque esse rapaz não era rico e nobre,

Escreveu a carta com a firme resolução de dizer depois a Julio:

“Desejo que o senhor vá, que deixe minha filha em paz, pois tenho empenho em casa-la com o visconde de S. Mauro, e a sua presença é um obstáculo para o casamento que projecto.”

Mas, ao vêr-se só com Julio, faltou-lhe o valor para lhe fazer propostas que podiam ferir a sua dignidade, sucedendo que, depois de meia hora de conversação, não tinha adiantado um passo.

A questão era, portanto, bastante espinhosa para Diogo, que não era estranho ás simpatias de Luiza por Julio.

Fez, pois, um esforço, revestindo-se déssa audacia que o dinheiro dá, e disse:

— Julio, não quero que o senhor se zangue comigo, pois sentiria imenso perder a sua amizade; mas o dever aconselha-me a que seja franco. E' impossível que o senhor permaneça em Madrid; é indispensável, se tem em alguma consideração a tranquilidade do seu protector o conde de S. Mauro, que o senhor saia desta terra. Rafael odeia-o, a si, e colocou o pai na alternativa de escolher entre o senhor e êle.

— Já o sabia, sr. Diogo—respondeu serenamente Julio; — e hoje mesmo tenciono despedir-me do meu protector.

— Então aceita as minhas propostas?

— Impossível! Sobretudo por ser v. ex.^a quem mas faz.

Diogo ficou olhando o mancebo com visíveis mostras de assombro.

— Se as aceitasse — tornou Julio — poderiam supôr que me vendi.

— Confesso ingenuamente que não percebo uma palavra do que o senhor acaba de dizer-me.

— Pois eu não posso dar mais explicações.

— Enfim, não teimo, visto que o vejo resolvido a não aceitar.

Desde esse momento, a conversação tomou um curso diverso: falou-se de tudo menos da questão da viagem ao ultramar.

Quando Diogo se cançou de passeiar, tornaram para o carro, dirigindo-se a Madrid ao trote das egoas.

CAPITULO VIII

Como se pede

Quando Diogo de Alcantara entrou no seu gabinete, o visconde de S. Mauro estava-o esperando.

— O senhor por aqui, querido Rafael? — lhe disse.

— Creio que v. ex.^a deve ter falado com Julio.

— Falei; separamo-nos agora mesmo.

— Provavelmente não aceitou. É tão orgulhoso!...

— Um bocado. As propostas que lhe fiz eram sedutoras, tratando-se de um rapaz, pobre; mas recusou-as, dizendo que, embara a sua ideia fosse trasladar-se ao ultramar, desistia por ora de similhante viagem.

— Do que resulta que tornamos á mesma situação em que estávamos antes de intentar a conferencia. Oh! Julio disse consigo: «Que precisão tenho eu de arriscar-me, atravessando os mares e sofrendo os efeitos de um clima doentio? É muito mais comodo ficar em Madrid, onde não será inteiramente difícil encontrar uma rapariga com quem case». Julio é um rapaz fino.

— Então o senhor julga que Luiza?... — perguntou Diogo, franzindo o sobrolho.

Das mulheres, sr. de Alcantara, tudo se pôde julgar. Sucede muitas vezes que uma rapariga rica, elegante e formosa, filha de muito boa familia se apaixona por

um homem despresivel. A origem deste amor é a compaixão. E, creia-me v. ex.^a, Luiça tem dó de Julio e olha-o com olhos compassivos. Julio é bastante hipócrita para suspirar magoadamente, a tempo, para retir que é orfão, que todo o mundo lhe lança em rosto a falta de nome; depois sentam-se ao piano, cantam e tocam musica inspirada, sentimental; e, muito me engano, ou isto ha de trazer consigo fataes consequencias.

Diogo escutava com profunda atenção as palavras de Rafael, que, como um grito de alarma, iam penetrando pouco a pouco no seu coração.

O visconde, sentando numa cadeira, fumava tranquilamente, estudando o efeito que os seus agouros produziram no milionario.

— Pela minha parte — acrescentou ele — estou resolvido a romper todos os laços que me unem a esse ingrato rapaz. Hoje mesmo, espero ter uma conferencia com meu pai; se não decidir a despedir Julio de casa, sairei eu, reclamando perante os tribunaes a herança de minha mãe. Sei que isto produzirá um escandalo em Madrid, mas não me importa: todos conhecem os justos motivos que tenho. Esse rapaz desgosta-me, incomoda-me superlativamente. Se tem a desgraça de lhe faltarem pais e bens de fortuna, não é minha a culpa. Bastante fez o conde em o recolher do meio de uma estrada e dar-lhe educação. Senão fora este rasgo de caridade teria morrido á fome. E em paga de tudo isto, Julio compraz-se em se atravesar no seu caminho, com modo altivo e insolente. julga-se igual a mim e atreve-se a provocar-me.

— Faz mal nisso, faz O senhor ha de ser sempre o visconde de S. Mauro.

— Pois ele pensa certamente outra coisa; e, torno a repeti-lo, estou resolvido a não o aturar por mais tempo. Sem ir mais longe, nesta mesma casa me ofende, e direi até que me insulta a maior parte das noites.

— Aqui?

— Aqui mesmo, onde represento um papel bastante ridículo.

— Sr. visconde, preciso que me dê uma explicação dessas palavras.

— Tenho precisamente resolvido a da-la.
 — Escuto-o com o maior interesse.
 — V. ex.^a sabe que amo Luiza...
 — Nada mais desejo do que ve-los unidos.
 — Pois isso vai-me parecendo um tanto difícil sr. Diogo.

— Como assim! ?
 — E não será por minha culpa.
 — Rogo que se explique.
 — Julio vem todas as noites fazer companhia, não a v. ex.^a, que é dono da casa, mas sim a Luiza.
 — Isso, meu caro Rafael, talvez não passe de ser uma suposição sua.

— Isto, sr. Diogo, é a realidade. Luiza e Julio vão para o pé do piano, cantam, tocam ou falam em voz baixa, enquanto que nós jogamos o xadrez. V. ex.^a, demasiado bondoso e confiado, só pensa durante essas horas da noite nos peões e nas outras peças de jogo o que o preocupam, porque está muito longe de pensar que um rapaz nas condições de Julio, se atreva por brincadeira sequer, a aspirar ao amor de uma menina nas circunstâncias de Luiza.

— Está claro! Pensar outra coisa é absurdo.
 — Pois bem, meu caro, esse absurdo realiza-se nas nossas barbas.

— É impossível!
 — Pois sim!
 — Tem ciúmes, visconde?

— Parece-me que nunca hei de cair nessa asneira; mas tenho dignidade. Luiza é minha prometida, e beliscame o melindre certas palavras que de quando em quando me chegam aos ouvidos.

Como o milionário fizesse um movimento de impaciencia, o visconde continuou, sem lhe dar tempo para tomar a palavra:

— Ha duas noites, em quanto nós jogavamos, Julio

manifestou a Luiza os seus desejos de empreender a viagem á America. E sabe v. ex.^a porque ele quasi desistiu de sair de Madrid? Porque Luiza lhe disse que ficasse.

— É impossivel!

— Eu ouvi, e parece-me que v. ex.^a não me fará a injustiça de duvidar da minha palavra.

— É que se isso assim fosse...

— Pois é tão verdade como nós estarmos nesta sala.

— Então o senhor pensa que Luiza será capaz de amar um homem que nunca conheceu seus pais?

— A historia das mulheres apresenta-nos muitos exemplos mais incompreensiveis, ou, para melhor dizer, mais extraordinarios que este.

— Nesse caso .obrigarei Luiza a considerar na sua situação.

— Por Deus, meu caro sr. Diogo !Por Deus lhe peço que não tome este assunto pelo lado dramatico ! Desde o momento que v. ex.^a se converta em pai tirano, tudo se terá deitado a perder, e, não tenha v. ex.^a duvida. Julio ganharia a partida.

— É que eu não posso consentir...

— Bem o comprehendo. Luiza tem um bom dote, é filha unica do homem mais rico de Madrid... Oh ! mas Julio é bastante sagaz para a colocar do seu lado. Verdade é que, por seis milhões de dote, vale bem a pena representar deante de Luiza o papel do lacrimoso Heraclito.

— Alguma coisa deve fazer-se, no entanto, para impedir que aumentem as sympathias que Julio possa inspirar a Luiza.

— Pode fazer-se uma coisa muito simples.

— O que?

— Adiantar o nosso enlace.

— Aceito.

— Só falta o consentimento de Luiza.

— Ela ha de fazer o que eu mandar.

— Noto que v. ex.^a tem muita tendencia para representar o papel de pai de melodrama. Trataremos a questão com bravura, sem violencia alguma. Comece-

mos por evitar que se vejam, sem que suspeitem coisa alguma.

— Bem sabe, querido visconde, que desejo imenso chamar-lhe meu filho. Tinhamos tratado que o casamento se celebrasse dentro em quatro meses na proxima primavera; mas o que acaba de me dizer inspira-me algum receio, e quero a todo o custo evitar a minha filha uma dessas loucuras que depois se chorram. Farei o que o senhor me aconselhou, pois o julgo tão interessado como eu neste negocio.

— Então, vou apresentar-lhe um plano; — tornou o visconde com certa petulancia, pois conhecia o domínio que exercia sobre o seu futuro sogro. Se v. ex.^a emprehendesse hoje uma viagem a Pariz, a Roma ou a Londres, como estamos no mez mais rigoroso do inverno, Luiza estranharia uma tão inesperada resolução; mas v. ex.^a tem uma magnifica casa de campo no Caramanchel de Cima; pôde sentir-se um tanto incomodado, e desejando descansar dos seus negocios, nada mais natural do que trasladar-se á sua propriedade para passar uns dias.

— Perfeitamente. Fica aprovada a digressão. Ainda assim, Julio facilmente se poderá ofender se não se lhe der parte desta mudança.

— Também não desejo o contrario. Mas em compensação; deve v. ex.^a ter uma entrevista com Luiza e manifestar-lhe com muita prudencia que seria conveniente adiantar o nosso casamento. Entretanto eu, espero colocar meu pai na necessidade de despedir Julio de casa. Estou resolvido a tudo; não transijo mais com as impertinencias desse intruso.

— Diz o senhor muito bem. Guerra de morte! — exclamou o milionario a quem as revelações do visconde tinham feito pôr em guarda.

O amor proprio daqueles dois homens sentia-se beliscado, e ambos interessados no mesmo assumto, se nniham para ser mais fortes.

Diogo e Rafael, precisavam vencer um inimigo que se erguia ante eles sem outras armas que as da com-

paixão; armas realmente terríveis para conquistar o coração de uma mulher.

Julio era orfão, pobre; mas tinha a seu favor o gênio, a mocidade o carácter simpático, esse dom de captivar os corações.

O visconde temia, e com razão, estabelecer uma dessas situações violentas entre o pai e a filha; porque a violência é o peior agente nos negócios em que toma parte o coração feminino.

Para Rafael casar com Luiza era uma questão de amor próprio. Odeava Julio, porque compreendia a superioridade dos seus dotes pessoais e intelectuais, e sentia uma grande necessidade de o humilhar, de o afugentar de Espanha; não queria tornar a ouvir falar dele.

Sempre que tratava da questão em sua casa, encontrava no conde de S. Mauro o defensor de Julio. Isto encolerisava-o, e mais de uma vez teve tentações de lhe jogar um desses insultos que só se lavam com sangue, persuadido da superioridade que sobre ele tinha no campo das armas.

As coisas neste pé, e julgando que tinha chegado o momento de obrar com energia, resolveu-se a lançar mão do último extremo, e propôz a Diogo de Alcântara o que deixamos referido no presente capítulo.

CAPITULO IX

Situação difícil

Rafael cumpriu a sua palavra. Naquela mesma tarde entrou no gabinete do conde de S. Mauro.

Seriam seis horas—aqueelas em que era costume jantar-se em casa.

O conde, ao ver entrar o filho, ia puchar pelô cordão da campainha, para avisar que lhe servissem o jantar.

— Espere um momento,—disse Rafael;—temos que falar.

O conde deixou caír o braço, e ficou olhando para o filho.

— Que queres? — lhe perguntou.

— Quantos seremos nós á mêsá?

— Que pergunta! Os do costume — respondeu o conde, cravando um olhar receiosó em Rafael.

— Quer dizer: nós dois, D. Madalena e Julio, não é assim?

— Está visto.

— Pois bem; Julio ou eu somos de mais na mêsá.

— Estás doido? — replicou o conde, encorajando-se.

— A que vem esse novo capricho?

— Não é um capricho como cuida; é que chegou a hora de cada um ocupar o logar que lhe pertence. E' que eu não posso tolerar nem um só dia mais as impertinencias de um intruso, de um bastardo.

— Rafael, fizeste o proposito de dar um escandalo — disse o conde, exalando um suspiro. — O teu comportamento aflige-me sobremodo. Não se passa um dia que não me dês um desgôsto, que não ameaces a minha existencia, esquecendo que sou teu pai.

— Mais esquece o senhor que eu sou seu filho, visto que nunca o acho disposto a defender-me.

— Porque és injusto.

Rafael soltou uma gargalhada. O conde a principio teve uma expressão de cólera, mas acabou por manifestar medo.

Rafael sabia que dominava o pai, e acrescentou:

— Ah! muito injusto; e realmente, nem nem eu nem pessoa alguma, comprehende tal injustiça. Julio atreve-se a votar amor á minha protegida, e o senhor não tem uma palavra para o repreender. Julio que, quando muito, devia ser lacaio da casa, esteve num colegio, e tem um quarto tão decente como o meu, come á mêsá comnosco, atreve-se a julgar-se superior a mim, propõe-me partidas de bilhar, monta os meus cavalos, dispõe das minhas carruagens; e quando eu me queixo destas condescendencias que delapidam a minha fortuna, dêstes abusos que me ofendem, e que ninguem sabe explicar, diz-me então o pai: «E's injusto!» Di-

ficialmente se encontraria que ao julgar neste assunto lhe dêssse razão a si.

— Rafael — respondeu o conde com voz nervosa — tens mau coração, pois que enquanto dissipas uma fortuna em satisfazer os teus caprichos, tens pena do pedaço de pão que dás a um pobre orfão.

— Em primeiro lugar, se eu gasto, é porque minha mãe me deixou bastantes bens para que assim o fizesse; em segundo lugar, devo dizer-lhe, embora lhe custe ouvi-lo, que quando se tem um filho não é prudente recolher um engeitado, educá-lo na mesma casa e com as mesmas condições. Isto dá sempre resultados desagradáveis, sérios, quando não os dá desastrosos e dramáticos. Eu desejo evitar um conflito; quero, pois, que Julio saia hoje mesmo de casa; dêlhe uma esmola mensal, se tanto se interessa por ele, mas não me obrigue a vê-lo constantemente, diante de mim, porque me está parecendo que um dia não poderei conter-me.

Pelo rosto do conde tinha-se distendido a palidês da morte. De vez em quando, uma convulsão nervosa lhe agitava o corpo. Não se atrevia a olhar para o filho que, sentado numa cadeira, lhe dirigia olhares triunfantes e ameaçadores.

De repente abriu-se a porta do gabinete, nma mão descerrou o reposteiro de veludo, e Julio, palido, grave, com os olhos avermelhados como se acabasse de enxugar as lágrimas, entrou no quarto.

Rafael conservou-se na mesma atitude, com visíveis mostras de indiferença; o conde ergueu a cabeça, pouco antes débil e inclinada rara o peito, e estendendo o braço com gesto altivo, disse:

— Vai-te embora Julio, vai-te embora!

— O sr. conde ha de perdoar-me se não lhe obedeco por esta vez — respondeu Julio tranquilamente e sem se mover do seu logar.

— Vai-te embora, que mando eu! — repetiu o conde. Julio conservou-se imovel.

— Esse homem faz bem em não lhe obedecer — tor-

nou o visconde com desprezo.—O seu procedimento corresponde á liberdade com que o tem tratado.

Julio avançou um passo, mas um olhar sevoro o fêz parar.

— Silencio, Julio, silencio, ou não respondo por mim! — exclamou o conde com voz ameaçadora, como se, ante o perigo, tivesse recobrado a antiga energia, todo o caracter altivo e imperioso da sua mocidade.—Que vens fazer aqui?—acrescentou, olhando para Julio.— Porque entras sem me avisares?

— Peço perdão ao sr. conde pelo meu atrevimento — respondeu Julio procurando domar o despeito que lhe dominava a alma; — mas ao passar por ao pé desta porta ouvi palavras, que só violentando-me muito, posso sofrer do homem que é filho do meu generoso protector. Essas palavras causaram-me muito mal, talvez me ferissem de morte.

Rafael sorriu-se.

— Sim, sr. conde, ferido de morte, pois venho despedir-me de v. ex.^a, a quem tanto devo a quem amo e respeito como um pai, e com quem vou desde hoje romper todos os laços de afecto.

E tirando um papel do bolso, pousou-o sobre a meza acrescentando:

— Eis aqui uma obrigação, pela qual me comprometo a pagar ao conde de S. Mauro ou aos seus herdeiros a quantia que julgarem conveniente fixar, pois que o espaço que ela deve ocupar está em branco, pelos vinte anos de sustento que lhes devo, desde o dia em que fui encontrado á beira de um caminho, até á data de hoje, em que saio desta casa, para não mais tornar a pôr aquí os pés.

— Leva esse papel, Julio: tu nada me deves: rasga-o, e perdõo-te esse excesso de orgulho, que nunca devias ter comigo.

— Já tive a honra de dizer ao sr. conde, que dora ávante estão desfeitos todos os laços que nos uniam; não quero que me lancem em rosto, nem uma só vez mais, a humildade do meu berço e os favores recebidos. Dentro em breve, saindo desta casa, ver-me-ei li-

vre de todo o compromisso, não estarei obrigado a sofrer com resignação os insultos do sr. visconde, serei um homem tão livre como ele, para defender a minha honra e a minha dignidade, quando as julgar ofendidas; e nm dia, quando com o meu trabalho poder adquirir uma posição, terei grande prazer em poder pagar o que devo ao meu generoso protector ou ao senhor seu filho.

— Creio que me dirigiram algumas ameaças — disse o visconde — mas não lhes dou grande importancia; despreso-as e perdôo-as: não sou eu mas sim meu pai, quem deve responder a esse rasgo de soberba.

— Desde que entrei neste quarto — tornou Julio — o sr. visconde podia ter compreendido que não era a ele a quem me dirigia, mas sim ao sr. conde de S. Mauro.

— Está bem, senhor! — tornou D. Paulo violentado.
— O senhor é livre para fazer o que quizer. Quanto a este papel de nada serve, pois que o senhor nada me deve. Eu nunca faço os favores para que mos paguem, nem para que mos agradeçam.

E o conde pôs no papel, rasgou-o em pedaços, deitando-os ao fogão, onde em breve se converteram em cinzas.

Julio saudou respeitosamente o conde, dirigiu um olhar de despeso a Rafael, e disse:

— Não, importa; eu sei o que devo, e pagarei mais tarde ou mais cedo.

E tornando a comprimentar, saiu do quarto.

Junto da porta do gabinete estava uma mulher que tinha certamente ouvido toda a conversação: era Madalena que, trémula e palida, tomou Julio pela mão e lhe disse:

— Ouvi tudo. Acompanha-me.

Julio deixou-se conduzir sem opôr alguma resistencia. Aquela mulher tinha sido sempre tão bôa para ele, que só por ela sentia o ter de abandonar a casa do conde.

— A! Como é bondosa, sr.^a Madalena — disse o mancebo. — Eu nunca teria partido sem me despedir

da minha carinhosa protectora. Vamos para onde quizer.

Madalena conduziu o enfeitado até ao seu quarto. Uma vez ali, fechou a porta e enxugando os olhos disse :

-- Vejo que é indispensável que saias desta casa, querido Julio; talvez que por este meio se evite uma grande desgraça. Sim, sim; fazes bem em partir : Rafael tornava-se de dia para dia mais insolente, mais provocador, e posto me cause profundo pezar o não vêr-te, conheço que esta separação é absolutamente necessaria. Mas tu é pobre, infelizmente, muito pobre: sei que não tens recursos, e vou pedir-te um favor: toma, aceita esta quantia, que são as minhas economias. Com ela poderás instalar-te num hotel ou nnuma hospedaria particular, em quanto não vierem melhores tempos. Só te peço que sejas comedido e muito prudente. Jura-me, ou promete-me ao menos, que não tomarás resolução alguma sem ma confiares antes.

Madalena tinha pegado nas mãos de Julio, estava ajoelhada a seus pés e olhava-o com maternal ternura.

Os seus olhos que ainda eram belos, derramavam abundantes lagrimas.

Julio sentiu-se comovido ante aquelas demonstrações de afecto.

— Muito bondosa é, sr.^a Madalena! — exclamou Julio, erguendo-a e conduzindo-a para um sofá.

— Se me custa a sair desta casa, é por si, que tanta deferencia tem tido para comigo ; por si, que me tem estimado, como uma mãe estima um filho ; mas é indispensável esse rompimento — continuou ele, suspirando. — Rafael está cada vez mais insuportável, e a paciencia esgotou-se-me. Em quanto ao dinheiro que a senhora me oferece, apesar de reconhecer que me pôde ser muito preciso, não o quero, ou para melhor dizer, não devo aceita-lo : são as suas economias de toda a sua vida, e quem sabe se alguma inconveniencia do visconde a obrigará a sair ámanhã desta casa e se eu então não poderei restituir-lhas?...

— Olha, Julio, se isso suceder, o que não é prova-

vel, prometo ir unir-me a ti. Tu precisas uma criada, se-lo-ei eu; mas não me dês um desgosto, recusando o que te ofereço; não sejas orgulhoso para mim; aceita a minha pobre oferta como se ela fôra de uma mãe.

Julio-hesitou.

Madalena sem largar as mãos do mancebo orfão, sem deixar de o olhar com apaixonados olhos prosseguiu:

— Eu não devo ser para ti uma pessoa indiferente. Contavas quatro anos de idade quando o sr. conde me disse: "Madalena, tu tens bom coração; entrego-te este menino, cuida dele como se fôra teu filho." Já vês, Julio, vae isto ha vinte anos; eu embalei-te sobre os meus joelhos, velei os teus sonhos, fui para ti uma segunda mãe. Posto que Rafael estivesse também ao meu cuidado, queria-lhe muito menos do que a ti, porque Rafael era rico, tinha um pai, e aguardava-o um grande futuro, enquanto que tu, querido Julio, não contavas com outra fortuna além da caridade de um homem que...

Madalena não pôde continuar: afogaram-na as lágrimas e os soluços.

Julio chorou tembem; a sua alma, reconhecida ante a dôr sincera daquela mulher, pagava com igual ternura tanto carinho, tão puro interesse.

— Ah, Madalena! A senhora é um anjo! — exclamou Julio, estreitando-a de encontro ao seu peito e cobrindo-lhe o rosto de beijos. — Aceito, porque me diz o coração que ainda um dia poderei pagar todos os benefícios que de si tenho recebido.

— Bem-dito sejas! Bem-dito sejas — murmurou Madalena: deixando pender com desalento, a cabeça para o peito de Julio.

Era a primeira vez, no decurso de vinte anos, que aquela pobre mãe tinha ousado manifestar de um modo tão visivel o afecto, o imenso amor, que sentia por Julio.

Mas tinha chegado o momento supremo.

A desgraça tem uma força irresistivel para os corações generosos; atrae como o iman ao aço.

Madalena deu livre expansão á sua alma, desde o momento em que julgou seu filho desgraçado.

Ainda assim, teve bastante valor para não lhe revelar o segredo do seu nascimento.

Durante aquela scena, esteve muitas vezes a ponto de lhe revelar tudo; mas receiaava as repreensões do velho conde, e o resultado de um escandalo daquela ordem.

E todavia, uma revelação a tempo, teria talvez evitado a terrivel desgraça que ameaçava Julio, e que ia envolver todos.

A sociedade impõe leis fataes, que lhe torriam a vida amargurada e penosa.

Quantas vezes um homem cercado de titulos, de condecorações, rico e admirado pelos seus semelhantes, terá visto com indiferença, subir ao patibulo outro homem desconhecido, repelido pela sociedade, castigado pela lei!

E todavia, quem sabe se aquele reu de morte é seu filho ou seu irmão, se pelas suas veias circula o seu sangue?

A mocidade com o seu estouvamento, riu-se de tudo. As gargalhadas de uma orgia, as loucuras de um baile de mascaras, proporcionam céus de lagrimas que vão desfazer-sa nos pios umbraes dos hospicios dos expostos.

A caridade estende os braços ao recem-nascido, e a roda ao girar, deposita dentro dos humildes berços do pio estabelecimento um misterio, um drama, talvez um crime.

O tempo passa, a vida corre para o engeitado. Quem é ele? Aonde irá ter? Qual será o seu fim? Só Deus o sabe!

Entretanto os transeuntes passam indiferentes por diante desses pios estabelecimentos, que são o amparo do desvalido; mas um outro, dirigindo o olhar e lendo em silencio estas palavras, escritas em negros caracteres, sobre os umbraes,

Meus pais me abandonaram,

a caridade me resgolheu.

Esmola para os pobres expostos.

continua o seu caminho, derramando talvez uma lágrima de fogo no coração e murmurando de si para si: "Quem sabe!"

Ah! talvez que os espartanos tivessem uma grande razão humanitária, quando, ao recolherem todos os recém-nascidos, lhe chamavam filhos comuns da mãe-patria!

.....
.....
.....

Julio separou-se afinal de Madalena, e saiu de casa do conde de S. Mauro, muito disposto a não mais atar os laços que acabava de quebrar.

Madalena viu-o partir debulhada em lagrimas, que aumentaram quando ficou só.

Pobre Madalena!

A sua dôr era duplamente terrível, porque partia do mais profundo do seu coração, porque ella nem sequer podia elevar a sua voz para se queixar, para desafogar as suas magoas!

CAPITULO X

Uma mãe

Julio, ao saír de casa do conde de S. Mauro, ficava livre de todo o compromisso, guardando, ainda assim, no fundo da sua alma alguma gratidão ao seu bondoso protector.

Quanto a Rafael, esse odiava-o, visto que se comprazera, por espaço de muito tempo, em lhe fazer tragar o calix da amargura.

Disposto a não ter consideração alguma com êle, a não lhe sofrer talvez mais as suas provocações, apresentou-se naquela mesma noite em casa de Diogo.

O criado que lhe abriu a porta, disse-lhe:

— O senhor está um pouco incomodado e encarregou-me de dizer a todos os seus amigos que não recebe esta noite.

Julio desceu a escada contrariado, e desconfiando

que aquele incomodo fosse um pretexto, foi esconder-se num escuro portal do passeio fronteiro, donde podia ver toda a gente que entrasse ou saísse da casa do milionário.

Apenas tinham decorrido alguns minutos, quando parou uma carruagem diante do elegante portal de Diogo.

Julio viu perfeitamente saír da carruagem o visconde de S. Mauro.

Esperou, fiado em que tornaria a sair imediatamente; mas passou-se bastante tempo sem que isto sucedesse.

O visconde tinha sido recebido.

Julio comprehendeu que começavam a fechar-lhe a porta da casa de Luiza.

— É natural! — disse levando a mão ao peito. — Rafael deve ter contado a Diogo o que hoje se passou lá em casa. Isto é combinação. Mas Luiza ignora que não me recebem, e é preciso que o saiba.

Julio esperou por espaço duma hora; o trem permanecia parado no mesmo sítio.

Não havia dúvida alguma de que o visconde estava em casa.

A recusa era, portanto, exclusivamente para élé.

Julio retirou-se daquele sítio levando a morte na alma, duvidando até de Luiza.

Na noite seguinte, revestiu-se de valor. Precisava falar com Luiza, saber se ela o repelia como o pae, e em tal caso, fugir para sempre de Espanha, partir para a America.

A mão de Julio, ao tocar o puchador da campainha, tremia; ia aquela casa em busca dum esperança ou dum desengano.

Amava Luiza; era natural que sentisse o coração inquieto e comovido.

— Ai, meu senhor! — disse o criado. — Veio um pouco tarde!

— Pois quê!? saíram? — perguntou Julio tentando sorriр-se.

— Foram esta tarde para Caramanchel.

— Mas voltam, provavelmente?

— Creio que tencionam estar por lá alguns dias. Como o patrão está um bocadito doente, os medicos, ao que parece, aconselharam-lhe a que saísse de Madrid, a tomar ares mais puros.

— E não deixaram recado nenhum para os amigos?

— perguntou Julio, que desejava obter esclarecimentos.

— O patrão chamou-me e disse-me: «Tomás, eu vou com a sr.^a D. Luiza e o sr. visconde de S. Mauro para o Caramanchel, para a minha casa de campo. Dirás ás pessoas amigas que vierem visitar-me, que me desculpem por não as avisar desta repentina viagem. Sinto-me doente, e preciso estar só por alguns dias, sem me ocupar de mais coisa alguma que da minha saúde.»

— Está bem, — respondeu Julio. — Adeus, Tomás.

— Vá com Deus, meu senhor.

Julio acabou de convencer-se; aquela doença e aquela viagem eram um pretexto para lhe fecharem as portas da casa.

Triste e abatido ante aquele contratempo, ante aquela desconsideração, vagueou pelas ruas de Madrid sem rumo certo.

— Não podia crer que Luiza fosse cúmplice na desconsideração que o pai lhe fazia.

À meia noite estava cançado; entrou num café, deixou-se cair num divan, e pediu um calix de rhum, mas por pagar o lugar que ocupava do que por saborear esse extracto do assucar, que tantos amadores tem no orbe.

Julio, vendo-se só no mundo, devorado por essa febre da imaginação que abrasava todo o seu ser, via cruzar pelo cérebro mil idéas, sem se atrever, sem se decidir a adoptar uma.

Duas horas permaneceu no café, que ficando deserto.

O calix d'rhum estava intacto.

Mais duma vez o criado tinha olhado de soslaio

para aquele imóvel freguez, que mais do que uma criatura humana, parecia uma estatua.

Quando o relogio marcou duas horas e meia, o caixeiro, obedecendo a um sinal do dono do estabelecimento, que estava ao mostrador, aproximou-se de Julio.

— Meu senhor — lhe disse — v. ex.^a ha de perdoar, mas deram agora duas e meia...

— E então? perguntou Julio.

— E' que o estabelecimento fecha-se antes das duas, e...

— Ah! Tem razão — disse Julio, deitando uma pezeta sobre a meza. E levantou-se:

— Desculpe!

E sem tocar no rhum nem esperar pelo troco, saiu precipitadamente do café.

O caixeiro disse com os seus botões que alguma coisa grave devia acontecer áquele moço.

Julio tinha alugado uma sobre-loja na rua da Gorguera, com o fim de ali estabelecer o seu escritório; morava só e comia no café Europeu.

Madalena, sem dar parte ao conde, com quem não tornaria a trocar uma palavra a respeito de Julio, tinha tomado a seu cargo o comprar os moveis do moço advogado, prometendo visita-lo sempre que podesse.

Julio amava de todo o seu coração aquela bôa muher. Demais, os orfãos carecem tanto de afecto maternal, que não era para estranhar que amasse Madalena, em quem encontrava o que o infortunio lhe recusava: o amôr de mãe!

Julio entrou em sua casa.

Desde o café situado em a *Calle Mayor*, onde tinha passado as dnas horas, até á rua da Gorguera tinha tomado uma resolução: visitar no dia seguinte a filha de Diogo de Alcantara na sua quinta do Carabanchel.

Como lhe fosse impossivel conciliar o sôno, levantou-se ao amanhecer, firmemente resolvido a levar a cabo a sua ideia de visitar Luiza.

«Se Diogo se propõe fechar-me as portas de sua

casa — disse, falando consigo mesmo — será preciso que mo manifeste abertamente. Devo ser tenaz. E' preciso que eu saiba o que tenho a esperar daquêles que em tempo me deram o nome de amigos. Demais, é indispensavel que eu fale a Luiza. Oh! Ela não sabe fingir: lér-lhe-ei nos formosos olhos o que sente a sua alma.»

A's oito horas da manhã bateram á porta; Julio foi abrir, pensando:

“Há de ser Madalena”.

A governante ia todas as manhãs visitar Julio. Aquela pobre mãe, a quem impunham um doloroso silencio, precisava vêr o filho das suas entranhas. Só prestando-lhe algum conforto, sendo-lhe util, se julgava menos culpada.

— Tambem hoje, senhora? — disse Julio, beijando-lhe respeitosamente a mão e conduzindo-a até ao gabinete.

Madalena trazia um embrulho bastante avultado, que poisou sobre o sofá.

— Tu não conheces as necessidades de uma casa, meu filho! — disse ela — e venho trazer-te meia duzia de toalhas de meza, outra meia das de mãos, e uma duzia de guardanapos.

— Que bondosa a senhora é!

— Pois quê? cuidavas que por teres saído da casa do conde eu havia de esquecer tão breve os vinte anos que te servi de mãe? Não sou, graças a Deus, tão esquecida! Além disso estava tão habituada a vêr-te todos os dias...

— Mas se o sr. conde sabe...

— E que me importa a mim que êle saiba? Sou governante da sua casa, tenho como tal o meu ordenado e os meus deveres estipulados, e logo que não falte a êles, posso dispôr como melhor me parecer das horas que as minhar ocupações me deixarem livres.

— Sim, sim, Madalena; fez a senhora muito bem em vir vêr-me. Eu tambem preciso que alguem me ame no mundo, já que meus pais cometeram a desumani-

dade de me abandonar, mas temo que lhe faça mal este grande frio, estas manhãs tão agrestes...

— Ora adeus! Eu estou acostumada a ir todas as manhãs a ouvir missa a Santo Estevão, e como fica perto daqui pouco me custa vir visitar-te; por que não coides... — continuou Madalena, fingindo uma expressão alegre — olha que no meu modo de proceder para contigo há bastante egoísmo. Imagina por um momento que morre o conde de S. Mauro, que Deus tal não permita; nesse caso, poucos dias me demoraria lá por casa. Rafael estima-me pouco e a minha presença, longe de lhe ser grata, é-lhe importuna; e então, creio que tu me aceitarias na tua, na qualidade de criada,

— Não, isso não; como a uma mãe! — exclamou Julio abraçando-a. — Ah! se não temesse que me apodasse de egoista desde já lhe pedia que não saísse mais désta casa.

— Isso é impossível, Julio. Enquanto o conde viver, é forçoso que continue desempenhando o meu cargo de governanta; mas eu virei vêr-te todos os dias, a despeito mesmo do que possa dizer a vizinhança.

E Madalena sorriu-se.

— Eu direi a toda a gente que a senhora é minha mãe — tornou Julio, causando com aquelas palavras uma grande alegria a Madalena.

— E' preciso aproveitar o tempo — ajoutou a governante levantando-se. — Tu vai tratar dos teus papeis ou do que quizeres; eu vou arranjar-te a casa.

Julio tencionava escrever uma carta a Luiza, e entregar-lha, dado o caso que não tivesse ocasião de lhe falar sem testemunhas. Sentou-se, pois, á mesa e pôz-se a escrever.

Entretanto, Madalena entrou no quarto de seu filho, fez-lhe a cama, varreu-lhe depois o gabinete, deixou-lhe toda a casa limpa, e fez-lhe uma chavena de chocolate numa maquininha económica.

Uma mãe não se esquece de coisa alguma. Madalena trazia tudo preparado para que Julio tomasse o chocolate.

O apetite satisfeito dos filhos engorda as mães.

Aquela ocupação que tinha imposto era para ela o mais elevado trabalho da sua vida.

Só as mães sabem cuidar dos filhos, e, se fôra possível duplicar o afecto e o carinho de mãe, diríamos que Madalena se tinha proposto cuidar de Julio com duplo esmero, pelo motivo de que não se atrevia a dizer-lhe:

“Eu sou tua mãe!”

“Quem sabe se um dia sairá do meu peito este segredo?” — dizia ela falando consigo e com Deus. — Então, ele há de compreender o imenso amor que lhe consagro! Oh! se esse dia chega, temo que a felecidade me abafe!

Quando ela entrou no modesto escritório com a chavena do chocolate, Julio, que tinha concluido a carta, ergueu a cabeça e dirigiu-lhe um sorriso:

— Como, senhora! Mais isto? — lhe disse. — Tantos benefícios hão de acabar por confundir-me.

Madalena poisou a bandeja sobre a mesa e respondeu sorrindo de um modo angelical:

— Não quero que estejas em jejum até ao meio dia, que vais almoçar ao café; comprei-te uma maquina económica e hás de vêr que não faz o chocolate de todo mal.

Julio confessou que nnnca o tinha tomado melhor, e este elogio encheu de satisfação a pobre mãe.

Forçoso foi o separarem-se.

Madalena deu um beijo na testa de seu filho, dizendo-lhe:

— Até ámanhã, Julio. Espero que não tomarás resolução alguma sem me consultares antes.

— Juro-lho.

E Madalena, descendo a escada, dizia consigo:

“Ah! Que imenso consolo eu sinto em vêr que me ama como a uma mãe!”

E depois de enxugar os olhos, deitou o véu pela cara e saiu para a rua.

— Pobre mulher! — exclamou Julio, quando ficou só. — Ela, sim, que me ama; ela sim, que chegou a

consagrar-me o afecto desinteressado de uma mãe. Se um dia consigo obter uma posição independente, hei de então provar-lhe que não semeiou os benefícios no coração de um ingrato. A sua velhice ficará por minha conta; cerca-la-ei de comodidades, de cuidados, e farei de conta que é minha mãe, já que não tive a suprema ventura de conhecer a que me trouxe no seu seio.

A voz do sangue parecia revelar-se nestes pensamentos que brotavam na mente de Julio.

CAPITULO XI

Dos Carabancheis a Mazanares e de Mazanares aos Carabancheis

Indubitavelmente o ignoto poeta que compoz aquela copla popular.

Para os Carabancheis
Se vae a rainha
Só para lhe chamarem
Carabanchela,

estava muito longe de sonhar que essas duas aldeias que une o ramal de uma estrada, deviam com o andar do tempo adquirir tão grande importancia.

Se em Espanha houvesse um pouco de espirito patriótico dos franceses, os Carabancheis gosariam de uma fama que ainda agora não teem ; mas os filhos de S. Fernando não saem, como vulgarmente se diz, da cepa torta, pecam um tanto por indiferentes, e não dão grande importancia ao que lhes pertence, pelo trem dentro de casa.

Verdade é que quando se trata das coisas dos outros paizes há muitos espanhóes que não podem falar delas sem empregar uma duzia de pontos de admiração e pôr os olhos em alvo.

Fala-se da Granja, da formosa aldeia de Santo Ildefonso, e vae de torcer-se o nariz com visivel desprezo ; mas ao falar-se em Versailles é preciso desmaiar —

ou pouco menos; e todavia, comparando com serenidade, e detidamente, pôde dizer-se que a Granja tem um quartilho de agua por cada gota que possue Versalhes, e que é ridiculo ir passar o verão nas aldeias dos suburbios de Paris, sendo o Escorial um arrebalde de Madrid, e Santo Ildefonso um dos sitios mais frescos e mais apraziveis da Europa.

Mas, nem na Granja, nem no Escorial se fala o francez.

Se a doze leguas de Pariz, ligado á capital por uma linha ferrea, se achasse um Toledo com as suas recordações historicas, o seu formoso rio, a sua pitoresca veiga, as suas mil tradições, os seus palacios, os seus templos, o seu caracter, finalmente, que em nada se parece com o moderno, e que nos recorda incessantemente as nossas eras de gloria, o que não faria o espirito especulador dos nossos vizinhos, os franceses, para embelezar e o rodear de encantos e de contodidades? Milhares de estrangeiros acudiriam logo em chusma, diariamente, a largar ali o seu dinheiro, e a admirar uma cidade, cujas antiguidades são tantas, que a cada passo nos recordam epochas que passaram para não mais volver.

E no entanto, nós, os espanhóes, não fazemos caso de Toledo, nem do Escorial, nem da Granja, nem de algumas das recordações que nos restam dos nossos tempos de gloria: são propriedades de casa, e o nosso caracter indiferente, e um tanto desprendido, olha-as com desprezo.

Em quanto aos estrangeiros que vem visita-las, já será muito se não lhes faltar o necessario, e encontrarem as indispensaveis comodidades da vida, que tão facilmente encontram nos seus paizes pelo amor ao dinheiro.

Mas, infelizmente, em Espanha restam-nos muitas daquelas vendas que tão magistralmente nos descreveu Cervantes no seu imortal *Quichote*.

E já que falámos de vendas, não podemos resistir á tentação de contar o que aconteceu a Ricardo de S. Miguel e ao que escreve estas linhas; que, embora o

caso pareça inverosímil, encerra em si um traço muito característico dos nossos estalajadeiros do seculo atual, muito papecidos, como já disse, com os que existiam do tempo de Cervantes.

Chegavamos nós, Ricardo de S. Miguel e eu, moídos, depois de seis horas de cavalgar por caminhos de cabras, sobre as incomodas albardas de duas mulas, que tinham violentado gravemente a posição natural das nossas pernas, á celebre aldeia de Manzanares, com o prazer de quem termina uma expedição custosa e vê no seu horizonte um bom jantar e os comodos almofadões de um trem de primeira classe no caminho de ferro.

Não seria facil dizer se era mais incomodo o desfalecimento que sentiamos no estomago, do que o cansaço das pernas.

Apeámo-nos e vendo-nos numa stalagem, cujo aspecto não era de todo desagradavel, começámos a ante-gosar a risonha e doce prespectiva de uma ceia que, embora não fosse muito variada, pois estávamos numa stalagem da Mancha, seria ao menos abundante e suficiente, para vencermos o inimigo que tanto nos apertava.

O nosso criado poisou as espingardas e as bolsas com o nosso saque de perdizes e lebres feito ao monte das *Casas Brancas*, e Ricardo e eu fomos sentar-nos nos dois bancos que, como duas linhas paralelas, cercam a ampla lareira das nossas cosinhas antigas.

Eu fui o encarregado de me entender com a vendeira, cujo semblante me inspirou perfidamente alguma confiança.

— Creio — lhe disse — que vocemecê deve ter galinhas ou frangos e ovos.

— Não faltava mais nada senão que estivessemos aqui sem ovos nem galinhas! — me respondeu.

— Muito bem. Pois vocemecê vae arranjar-nos uma sopa de ovos e dois frangos assados, o mais depressa possível.

— Não pôde ser — me respondeu secamente.

Encarei-a de um modo que devia manifestar-lhe o

meu espanto; porém ela não compreendeu certamente o efeito que me tinha produzido aquela negativa.

— Como não pôde ser? — disse eu.

— Porque hoje não se serve cá na casa senão carneiro guisado.

Nas vendas da Mancha o carneiro guisa-se ordinariamente com cebo. Muitas vezes o carneiro é ovelha, e a ovelha é quasi sempre má. Se a estas reflexões, que me ocorreram, se acrescentasse a outra, que me veio á cabeça, de que o guisado que nos ofereciam podia ter alguns dias de existencia, compreender-se-há a minha repugnancia em o aceitar.

— O que nós queremos é uma sopa de ovos e um par de frangos ou uma galinha assada — tornei eu.

— Pois olhe que esta noite, nem que viesse o *Nuncio com todos os seus familiares*, não era capaz de comer em minha casa outra coisa além do carneiro guisado; assim o decidimos, eu e o meu homem, esta manhã.

A surpresa de Marta ao ver surgir seu irmão Lázaro do se sepulcro, não foi por certo tamanha como a que a mim me causava aquela vendedeira.

Ricardo ria-se: mas eu tentei convencer a mulher, o que era empreza mais ardua do que eu imaginava.

— Voccmeçê tem galinhas? — lhe perguntei, revestindo-me da tranquilidade dos martires.

— Essa agora! Não faltava mais nada! Tenho, sim, senhor. Se tenho! Mais de quarenta.

— Perfeitamente. Ora vamos a ver se nos entendemos. Tambah tem ovos?

— Uma cesta cheia.

— Muito bem. A como se vendem os ovos cá na terra?

— A vintém.

— E as galinhas?

— A seis tostões.

— Pois eu pago-lhe os ovos a tostão e as galinhas a dez tostões.

— Ora, ora! Já lhe disse que hoje não se serve aqui mais que carneiro guisado.

Ricardo soltou uma gargalhada.

Eu senti que o meu amor proprio se rebelava ante aquela vendedeira.

— Mas, senhora — lhe disse — vocemecê estaria no seu direito, fazendo-nos pagar o que quizesse pela ceia que lhe pedimos; mas é uma brutalidade querer-nos obrigar a comer o seu carneiro guisado.

— Pois não há outra coisa.

Senti o quer que fosse similar ao efecto que produz no corpo o contacto de uma vibora; então, tive uma ideia luminosa, e, satisfeito de mim proprio, como Colombo ao divisar as costas, cuidei que ia afinal vencer aquele coração de pedra dura.

— Aceito — lhe disse. — Comprámos o carneiro guisado, para os cães comerem, mas faça-nos a sopa e a gal...

— Não senhor; não faço nada, nem dou outra ceia, senão carneiro guisado.

Se naquele momento eu tivesse sobre aquela mulher as mesmas prerrogativas que Nero teve sobre o seu povo, te-la-ia arremessado sem hesitar, ao circo, e ter-me-ia regosijado de a ver devorar pelas feras. Mas, infelizmente nem eu era imperador romano, nem em Manzanares havia um circo como na cidade Eterna.

Limitei-me a proromper em algumas imprecações, disse ao criado que pegasse nos aprestes da caça, e disse a Ricardo de S. Miguel :

— Vamo-nos daqui para fóra.

Ricardo que é um dos homens mais condescendentes e um dos melhores amigos que conheço, saiu, rindo-se com toda a vontade, e dizendo entre gargalhadas:

— Em materia de vendas estamos á altura do *Qui-chote*.

Felizmente, o chefe da estação do caminho de ferro era muito amavel e deu-nos de ceiar a sopa de ovos e os frangos que desejavamos.

Quanto á vendeira, nunca mais a vimos; mas supomos que, se não vendeu o carneiro guisado, o estará ainda oferecendo aos desventurados passageiros que

tiverem a desgraça de entrar pela larga porta da sua estalagem.

Julio estava resolvido a jogar as ultimas. Encaixou-se num dos omnibus que partem da rua de Toledo em direção aos Carabancheis, decidido a ver Luiza e a ouvir de seus labios se devia ou não conservar uma esperança na sua alma.

"Se eu lhe fosse indiferente — dizia ele consigo — se não me amasse, ter-me-ia dito: "Parta!" É fóra de toda a duvida que Rafael tem uma grande parte nesta ausencia. Ah! Eu hei de saber a verdade; e se esse estouvado se coloca na minha frente...

O odio pelo visconde de S. Mauro recrudescia no coração de Julio. Se não o tivesse detido considerações de gratidão com o pai, mais de uma vez teria provocado Rafael.

Soube o orfão conter-se e esperar; mas desde o momento que quebrou os laços que o uniam a D. Paulo, ficava suspenso sobre a cabeça do visconde o rancor de Julio.

A casa de campo do banqueiro Diogo de Alcantara estava situada na parte elevada do Carabanchel.

Era uma dessas modernas vivendas de recreio, que a moda franco-suissa importou para a nossa patria; ninhos encantadores, exalando poesias, perfumadas pela essencia dos jardins...

Julio parou diante do elegante portão de ferro que dava passagem para o jardim.

O receio e o desejo, punham-lhe a alma a provas. Tres vezes estendeu a mão para pegar no puchador da campainha e outra tantas se deteve antes de realisar o seu pensamento.

Uma circunstancia o veio favorecer: a criada de Luiza apareceu naquele momento por detrás da grade; Julio chamou-a, a rapariga parou, e depois correu para ele.

Mariana, que era este o nome da criada, sabia que

o sr. Julio era muito simpatico a sua ama. Alem disso, ignorava as intenções de de Diogo, e parecia-lhe a coisa mais natural do mundo que viesse visita-los ao Carabanchel, um moço que em Madrid passava uma grande parte das noites, cantando e tocando ao piano com sua ama.

— Muito bons dias, sr. Julio — lhe disse em tom alegre, abrindo o portão.

— Preciso que me prestes um grande serviço, Mariana — respondeu Julio; — encontro-me numa situação dificil, e tu podes ser o meu anjo salvador.

Mariana ficou olhando para Julio como se não compreendesse o que acabava de ouvir.

— Pois que aconteceu? — perguntou.

— Desejo que me faças um favor.

— Mande o que quizer.

— É preciso que eu fale a tua ama.

— Pois bem; venha o senhor comigo que eu lhe anunciarei a sua visita.

— Mas, é que eu quero falar com a menina Luiza, sem que o pai nem o visconde o saibam.

— Ah! isso já é diferente.

Mariana pareceu hesitar.

— Nada temas; sei quanto respeito se deve a tua ama — acrescentou Julio; — mas tenho as minhas rasões para pensar que me fechem as portas desta casa. D. Diogo ausentou-se de Madrid sem me dar parte, como fez de outras vezes; eu preciso saber se sim, ou não, sou bem recebido. Só a menina Luiza pôde tirar-me de duvidas; portanto só a ela desejo falar.

E Julio, dirigindo um olhar receioso em torno de si, prosseguiu:

— Creio que D. Diogo deve estar nos seus aposentos, e o visconde tambem nos seus; é muito cedo para que desçam ao jardim: eu posso ocultar-me naquele caramanchão, e tu avisas a menina Luiza de que a estou esperando.

Mariana hesitou.

Tudo aquilo lhe parecia extraordinario. Receiou por momentos que Julio tramassee alguma coisa contra sua

ama; mas Julio olhava-a com os olhos suplicantes, comovido e triste.

— Co'a bréca, sr. Julio! — disse Mariana, depois dum a pequena pausa. — A falar a verdade, eu não me atrevo a fazer-lhe o que me pede.

Julio tomou afectuosamente a mão á criada, conduziu-a para o caramanchão e disse-lhe:

— Escuta, Mariana; vou confiar-te o motivo que me traz a esta casa, para que te tranquilizes. Ninguem respeito nem venero tanto neste mundo como a menina Luiza; acho-me numa das situações dificeis da vida, e não me atrevo a resolver nada sem que a tua ama me dê um conselho. Penso em saír de Espanha para sempre, mas quero antes ouvir dos labios da menina Luiza uma palavra, uma ordem; e visto que seu pai me fecha as portas de sua casa, forçoso é que eu procure o meio de ter uma entrevista com sua filha. Nada receies; a tua ama não se ofenderá, desde o momento em que lhe digas que a estou esperando neste caramanchão, mas que ninguem, nem o jardineiro, tenham conhecimento da minha estada aqui.

— Está bem, está bem; irei dizer-lho. Espere o senhor aqui um bocadinho.

Mariana dirigiu-se para a casa, pensando em que, se sua ama se recusasse em conceder a entrevista a Julio, em voltar a dizer-lho não faria mais do que a sua obrigação.

Apenas teriam decorrido alguns minutos quando Julio ouviu o ruge-ruge dum vestido de seda e o leve passo dumha mulher.

Luiza assomou ao caramanchão.

Julio estremeceu ao vê-la; a palidez da morte se lhe estendeu pelo rosto.

Luiza, pelo contrario, cheia de vida e de frescura, sorria-se dum modo encantador.

— Luiza! — exclamou Julio, adiantando-se como para lhe sair ao encontro. — Obrigado! Oh! Obrigado por tanta condescendencia! Tinha uma tão grande necessidade de a ver... de lhe falar sem testemunhas...

— O que indica — replicou Luiza estendendo-lhe a

mão — que tem alguma coisa importante a comunicar-me.

— Tenho, Luiza, tenho; pois do que agora me disser depende o meu futuro, a minha felicidade e porventura a minha existencia.

— O senhor assusta-me, Julio. Que acontece? Fale, fale depressa.

— Quando um homem é pobre, quando é órfão, tem motivos de sobrêjo para ser susceptivel. Ha tres dias que acho fechadas para mim as portas da casa do sr. Diogo de Alcantara. Além disso, corre em Madrid com muita insistencia que dentro em breve se celebrará o seu casamento com o visconde. Que devo pensar de tudo isto? Cresce-me valor para suportar todos os revezes que o infortunio me deparar. A duvida é mais possivel que a realidade. Fale, Luiza, fale; e se as minhas suspeitas são certas amanhã sairei para sempre de Espanha e nunca mais tornarei a importuná-la com a minha presença.

— Comecemos por nos sentar — respondeu Luiza, assenhoreando-se de um dos bancos rusticos do caramchão, e indicando a Julio outro que estava de frente.— Não se deve consentir que os amigos se conservem de pé; devemos recebê-los com mais confiança; e nós dois, apesar do que possa advir, somos bons amigos.

Luiza deteve-se. Nos seus formosos e rosados labios bailava ainda o encantado sorriso.

Julio concebeu uma esperança logo que ouviu as primeiras palavras da joven.

— Alguma coisa ha de verdade — ajuntou Luiza — nas suspeitas que o senhor concebeu. Meu pai, aconselhado pelo visconde de S. Mauro, trasladou-se para esta casa de campo. Suponho que se trata de apressar o dia do meu casamento, mas eu não estou resolvida a casar, por ora. Falam-me vinte vezes ao dia da necessidade que tenho de tomar estado. Eu tenho a desventura de não compreender essa necessida. Ao presente, é-me muito mais grata a musica do que o matrimonio; e como o homem que pede a minha

mão, e a quem tão ternamente protege o autor dos meus dias, tem tão pouca tendencia para a musica, não me decidi ainda a fixar o dia. Por outro lado, estou tranquila; meu pai não é um tirano, e tenho esperanças de o fazer desistir do seu empenho.

Julio escutava extasiado Luiza, cuja naturalidade o encantava. Timido diante daquela criança que o recebia com tanta confiança, não teve uma palavra que respondesse ao que acabava de ouvir.

Luiza continuou assim:

— Eu tambem suspeitei que a sua presença não é muito agradavel a meu pai; mas isso não passa duma suspeita, porque ele nada me disse. Quanto ao visconde, esse pouco me importa: não o amo, nem amrei nunca. Já lho disse a ele mesmo, e continua fazendo-me a corte. O mal é para ele, que perde o seu tempo.

— Ah, Luiza! que imensa ventura acaba de derramar na minha alma com essas palavras! — exclamou Julio. — Para que hei de negá-lo? Odeio o visconde porque ele, desde que tenho uso da razão, se compraz em atormentar-me. Não pôde calcular o quanto tenho sofrido, a ponto de me vêr obrigado a abandonar a casa do conde de S. Mauro.

— No que o senhor fez mal.

— Era-me impossivel sofrer os insultos de Rafael.

— Mas o conde teria olhado pelo seu futuro, sr. Julio.

— En procurarei adquirir com o trabalho o que perdi, separando-me do meu protetor.

— Que Deus o proteja. Mas creio que terá desistido da sua viagem á America.

— Farei o que v. ex.^a ordenar.

— Por ora recomendo-lhe muita prudencia.

— Tê-la-ei.

— Meu pai não pôde demorar-se muitos dias nesta casa; os seus negocios chamam-no a Madrid.

— Mas durante essa ausencia...

— Será forçoso que não nos vejâmos, visto que não o convidaram para vir visitar-nos; mas quando regres-

sarmos a Madrid peço-lho que vá vêr-nos, como dantes, e sem se dar por ofendido.

— Obedecerei.

— Agora, vamos separar-nos.

— Já?

— Eu cometí uma imprudencia. Se meu pai descesse ao jardim, se nos encontrasse juntos, tinha motivos para me repreender.

— E' verdade.

— Portanto, adeus, meu amigo, e tenha confiança.

— Ah! se eu me atrevesse a pedir-lhe um favor...

— Vejamos se me é possivel fazer-lho.

— Vê-la alguma vez, ainda que não seja senão através das grades do jardim.

— Impossivel! Eu quero que o senhor me veja, mas em casa, como dantes.

Julio suspirou.

Luiza estendeu-lhe a mão, dizendo-lhe:

— Não quero que tenham motivos para me repreender. Adeus!

E beijando--lhe graciosamente a mão e enviando-lhe um sorriso, viu-a saír do pequeno aposento do jardim.

CAPITULO XII

O que era de esperar

O visconde de S. Mauro aborrecia-se extraordinariamente, jogando o xadrez com o seu futuro sogro.

Para Rafael era uma questão de amor proprio o conseguir a mão de Luiza, e nas aras dos seus desejos sacrificava até a sua independencia,

“Quando essa desdenhosa — dizia ele comsigo — me pertencer, então as coisas hão-de mudar de figura. Tenhamos paciencia; entretenhamos o velho até obter a mão da filha. Isto não ha-de durar muito. E' preciso fazer sacrificios, evitar a todo o transe que Julio ganhe terreno no coração de Luiza. Tudo corre bem; confio que muito em breve me terá desaparecido de diante da vista tão enfadonho sujeito.”

Na manhã de que nos ocupâmos, isto é, naquela em que Julio e Luiza tiveram a entrevista no caramanchão, o visconde de S. Mauro tinha-se levantado mais cedo do que costumava; colocara uma cadeira ao pé da janela, deixara cair a persiana, e pegando num livro pozera-se a ler.

Daquela janela via-se perfeitamente a porta de ferro que dava entrada para o jardim.

Rafael não tinha motivos para suspeitar coisa alguma. Lia para matar o tempo, esperando a hora a que custumava levantar-se Diogo.

Cansado em breve da leitura, a que era pouco afeiçoadão, poisou o livro e poz-se a olhar, através das persianas, para o jardim.

Por mnto indiferente que seja o olhar, procura sempre um ponto em que deter-se, e as pupilas de Rafael detiveram-se nas grades do jardim.

Os olhos do visconde, frios, apagados, sonolentos a principio, animaram-se subitamente, e ele ergueu imediatamente a cabeça, dizendo:

— Espera! Aquele é Julio! Ah! Isto diverte-me. A que virá ele ao Carabanchel?

Desde aquele momento, o visconde não perdeu mais de vista o engeitado. Viu-o conversar com Mariana, e concebeu uma suspeita que não levou muito tempo a converter-se em realidade, vendo a esbelta figura de Luizá sair da casa e perder-se por entre os arbustos do jardim, em direção ao sitio onde Julio tinha desaparecido.

«Vamos! — disse consigo. — Isto é uma entrevista. Será bom que saibamos o que devemos fazer.

E pegando num pequeno rewolver norte-americano de quatro tiros, saiu do seu quarto.

Um momento depois estava ao pé do caramanchão, oculto por detrás de umas grandes matas de murta.

Dali podia ouvir perfeitamente tudo quanto diziam.

A conversa de Luiza e Julio não foi por certo muito agradável ao visconde de S. Mauro; teve, porém, bas-

tante valor para a ouvir toda sem estremecer, sem pronunciar uma unica palavra.

De quando em quando, como se obedecesse a um movimento nervoso, a sua mão apertava o punho do pequeno rewolver e os seus olhos fixavam-se, atravez da folhagem que o escondia, no rosto de Julio.

Era fóra de duvida que alguma ideia terrivel e sinistra lhe atravessava a mente.

A final, Luiza saiu do caramanchão, passando a dois passos distante de Rafael, sem o ver.

Julio permanecia como que absorto no mesmo sitio. Parecia que lhe faltavam as forças para se pôr em movimento.

Quando se decidiu a sair dali, ao erguer a cabeça, que tinha pendida para o peito, viu na sua frente, com as mãos mettidas nos bolsos das calças, e um sorriso provocador nos labios, o visconde de S. Mauro.

Julio estremeceu.

A presença de Rafael naquele sitio era uma ameaça, talvez um perigo, que podia dar em resultado, um grande escandalo. Era, portanto, necessario salvar Luiza, que tão condescendente tinha sido.

Julio deu um passo para sair do caramanchão, mas Rafael tinha-se colocado no meio da entrada, e era necessario afasta-lo para sair.

Julio disse com gravidade:

— Rogo ao snr. visconde que me deixe a passagem livre.

— Isso é bastante dificil, sem que antes tenhamos uma explicação. Ouví tudo o que acabaram de dizer, e, na verdade, diverti-me imenso.

Julio comprehendeu a gravidade da situação, e reciou não por si, mas sim por Luiza.

— Infelizmente — accrescentou Rafael — não sucedeu o que eu pensava. O mal é para si, pois já que se empenha cm se travessar no meu caminho, será preciso que procure o meio de me livrar de um obstaculo que me estorva.

— O que o snr. visconde deseja, ou para melhor

dizer, se propõe levar a cabo — respondeu Julio, recobrando a sua presença de espirito — não é impossivel, mas tambem não é facil.

Rafael teve um movimento de ombros e replicou com expressão desdenhosa :

— Havemos de ve-lo. O senhor apostou-se a incomodar-me, e eu sou muito pouco paciente. De so-bejo deve o senhor ter adivinhado o motivo por que o snr. D. Diogo de Alcantara veio para o Carabanchel com sua filha: incomodava-o a presença do senhor em casa dele; queria quebrar todas as relações que os uniam. Desde o momento que o senhor se faz desentendido, é preciso falar-lhe de outro modo. Portanto, vou falar ~~com~~ a rude franqueza que me caracterisa.

Rafael fez uma pausa; Julio esperou que o visconde falasse, adivinhando algum insulto grave, intoleravel, nas palavras que ia ouvir.

— O senhor deve compreender perfeitamente, que, sendo eu o prometido esposo de Luiza, não posso vêr com indiferença que um homem se introduza no seu jardim e tenha entrevistas com a que em breve vai ser minha esposa. Se eu consentisse tais entrevistas, seria um amante digno de desprezo.

— Senhor visconde, importa-me pouco, ou nada, que o senhor seja o prometido esposo de Luiza; e enquanto ela não me proibir que a veja, virei sempre, sempre e sempre! Não sou homem que me assuste facilmente.

— Ah! Isso é outro caso. Não se importa com a minha advertencia? Então, vêr-me-ei na necessidade de lhe dar uma lição um pouco mais dura. Eu quiz sempre evitar o desgosto de ter consigo um lance desagradavel, mas, já que o senhor se empenha, ávante: a responsabilidade das consequencias não será minha.

— Vai propôr-me um duélo?

— Não acho outro meio de me livrar de si; porque suponho que o senhor, posto que ignore o nome de seu pai, não recusará um lance de honra.

— E se recusasse?

— Pois quê! Não me julga bastante digno para me fazer a honra de cruzar as suas armas com as minhas?

— Senhor visconde, peço-lhe que não empregue o insulto quando me dirigir a palavra, porque isso far-me-á esquecer os benefícios que tenho recebido de seu pai.

— Ora adeus! Ha muito tempo que o senhor os esqueceu.

Julio fez um suprêmo esfôrço por conter-se.

O provocador e zombeteiro olhar de Rafael feriu horrivelmente o pobre orfão.

Julio avançou um passo, com gesto ameaçador.

— Mais devagar, meu amigo — disse o visconde, metendo a mão direita no bolso das calças, onde tinha o revólver. — Eu suponho que o senhor não ha de querer que briguêmos como dois cavadores.

— Sim, diz o senhor muito bem; nós não podêmos lutar senão em duelo de morte.

— Vejo que me comprehendeu.

— Pois bem exclamou Julio; — já que assim o quer, seja!

Julio entregou um bilhete ao visconde, dizendo:

«Espero-o todo o dia em minha casa. Amo Luiza e um de nós é de mais no mundo.»

E afastando Rafael, saiu do caramanchão, desaparecendo pouco depois do jardim.

Rafael, ao guardar o bilhete no bolso, disse consigo:

— Pobre rapaz! farei com que os meus padrinhos escolham o florete, e vazar-lhe-ei um olho; será o bastante para me deixar em paz. Um amante tórtio é pouco de temer.

Meia hora depois almoçava com Diogo de Alcantara e Luiza, sem que nenhum dos dois suspeitasse a scena que se tinha passado no caramanchão.

O visconde, apesar dos seus poucos anos, sabia dissimular admiravelmente; era um açor consumado.

Julio chegou a Madrid num dos infinitos omnibus que circulam pela estrada de Leganes; tomou um trem na rua de Toledo, e fêz-se conduzir ao quartel de S. Gil; perguntou pelo capitão Ugarte, e uma ordenança introduziu-o na sala das bandeiras.

Ao redor de uma mésa estavam tomando café alguns oficiais.

O capitão Ugarte levantou-se ao ver Julio, estreitando-lhe afectuosamente a mão.

— Tu por aqui? — lhe disse.

— Venho procurar-te; quero falar-te, sem testemunhas de um assunto da maior importancia.

Ugarte tinha sido companheiro de colegio de Julio; pegou na chavena do café, levantou-se e foi para o extremo da sala, sentar-se numa cadeira, indicando outra ao seu amigo.

— Queres tomar café — lhe perguntou.

— Não.

— Então que ha?

— Tenho um desafio entre mãos.

— O' diabo! Um duelo?

— Um duelo.

— Mas, se bem me recordo, tu não sabias jogar as armas. Creio que deves ter aprendido.

— Nunca pequei num florete.

— Isso é que é mau. E é preciso que te batas?

— E á morte.

— Tens a escolha das armas?

— Não sei.

Julio narrou palavra por palavra tudo o que se tinha passado na Carabanchel,

— Pelo que me dizes, foste tu o provocado. Saibamos quem é o teu adversario.

— O visconde de S. Mauro.

— Ouvi dizer que é bastante dextro no manejo das armas.

— Pouco me importa.

— Para se bater, não basta o valor.

— Mas sempre muitas vêzes a habilidade.

— Tratêmos de dispôr as coisas do modo mais vantajoso para ti. Queres bater-te á piscola?

— Bater-me-ei como tu disseres. Quero livrar-me dêsse homem, matando-o ou morrendo. O seu unico cuidado é humilhar-me, e não posso tolerar-lhe por mais tempo os insultos. Se não me bato, acabará por cuspir-me na cara. Vi-me na necessidade de saír de casa dele, e de quebrar todos os laços de gratidão que me uniam ao pai, meu protetor. Tu sabes a minha historia; bem sabes que nada posso fazer senão bater-me.

— Dizes bem. Espera um pouco.

O capitão Ugarte levantou-se, chamou á porta um outro oficial e esteve falando com ele por alguns segundos; depois tornou a unir-se Julio, mas acompanhado já do oficial.

— O meu camarada, o coronel Rodrigues, aceita o espinhoso encargo de ser tambem teu padrinho. Não falêmos mais disto. Se forem a tua casa os padrinhos do visconde, pede-lhes uma entrevista, para que falem comnosco e se estabeleçam as condições do duelo.

— Mas este senhor — disse o coronel Rodrigues segundo o que me disseste, não se exercitou nem no tiro á pistola.

— Não.

— Nesse caso seria muito conveniente dar-lhe alguma lição.

— Tens razão; e visto que tu és um grande atirador á pistola, será Julio o teu discípulo.

E erguendo a voz disse:

— Ordenança! vá buscar um trem de praça.

Pouco depois; Julio e o coronel Rodrigues iam fazer ensaios ao alvo.

CAPITULO XIII

Duelo de morte

Naquela mesma noite, o capitão Ugarte e o coronel Rodrigues, padrinhos de Julio, e o barão do Man-

to e João de Creus, filho dum rico comerciante de Madrid, padrinhos do visconde de S. Mauro, estavam reunidos em casa do barão do Manto.

— A amisade — dizia o barão — impõe dolorosos deveres. Eu lamento que nos reunamos em minha casa para tratarmos duma pendencia tão desagradável; mas, Rafael é um íntimo amigo meu, a quem nem eu nem o sr. Creus podemos recusar coisa alguma.

— Em iguais circunstâncias nos achamos nós, meus senhores — disse Ugarte; — com a desvantagem de que o nosso afilhado desconhece completamente a arte de esgrima, enquanto que o sr. visconde é destro no manejo das armas.

— Mas o visconde foi provocado — acrescentou o barão.

— A ameaça partiu do visconde. Julio apenas fez o que fazem os homens de dignidade: aceitou.

— Se Julio se não tivesse apresentado no Carabanchel — ajuntou Creus — o desafio não se teria dado.

— Julio era amigo da casa, e o visconde arrogou a si faculdades que, como hóspede, lhe não correspondiam.

— Senhores — disse o coronel Rodrigues, que até então se tinha conservado silencioso, eu creio que os dois esperavam uma ocasião para se arrojarem a luva. Procuremos, pois, o meio pelo qual o desafio seja mais igual para ambos os combatentes.

— Diz muito bem.

— Portanto, parece-me ser a pistola o mais conveniente — acrescentou Rodrigues.

— Não há motivo para se matarem — replicou Creus. A pistola é arma de morte.

— Nem sempre — disse Ugarte.

— Seria preferível o florete — ajuntou o barão.

— Por Deus, senhor barão! O florete nas mãos do nosso afilhado vale tanto como uma cana; de nada lhe serve; enquanto que nas do sr. visconde é a arma peior que se conhece.

Depois duma hora de debate, convencionou-se que se bateriam á pistola a quinze passos de distância,

com o rosto voltado, disparando á terceira palmada. Dêste modo as condições do duelo eram mais iguais.

Lavrhou-se a acta e separaram-se os padrinhos.

Á meia noite tudo estava disposto.

O visconde mostrou-se um pouco desgostoso com a escolha da pistola, apesar de ser bom atirador.

Julio passou a noite escrevendo uma carta a Madalena, outra ao conde de S. Mauro e outra a Luiza.

Era o ultimo adeus áqueles tres seres a quem tanto amava, porque Julio contava morrer no combate.

As seis horas da manhã foram os seus padrinhos buscá-lo. Ele estava esperando.

— Toma, — disse ele a Ugarte; entregando-lhe as tres cartas — se eu morrer, faz com que cheguem ao seu destino.

Conduziu-os um trem á Casa de Campo, logar que tinham marcado para o duelo.

As sete horas chegaram a um pequeno vale, cercado de frondosas árvore, onde se via um cruzeiro de pedra.

A poucos passos deslisava um arroio.

O trem tinha que ficar a uns trescentos metros daquele sitio.

Julio lançou um olhar áquela cruz, por cujo tronco se enredavam o lúpulo e a hera, para aquela cruz que parecia esperar que a seus pés se abrisse uma cova.

Pensou em Luiza, em Madalena e no conde, a quem ia causar um grande desgosto; mas breve se varreram todos estes pensamentos da sua imaginação, vendo avançar para aquele sitio o visconde, acompanhado dos seus padrinhos e do medico.

Durante o tempo que os padrinhos se mpregaram em escolher o terreno e carregar as pistolas, Julio conservou-se imovel e com o braço direito apoiado no pedestal da cruz.

O capitão Ugarte aproximou-se dêle para o avisar de que tudo estava disposto: apresentou-lhe as pistolas e êle pegou numa; depois foi colocar-se no sitio que lhe indicaram.

— Senhores, ainda estão a tempo — disse o coronel Rodrigues.

— Deem o sinal quando quizerem — respondeu o visconde. — Entre nós não pode haver reconciliação. Acabemos o mais breve possível, que tenho pressa.

— Seja — disse Rodrigues.

E deu a primeira palmada.

Os dois adversários colocaram-se em linha, com o braço estendido e pistola apontada ao alvo.

Soaram outras duas palmadas e duas detonações ao mesmo tempo.

Julio estava de pé; Rafael tinha dado um pulo como se a terra o repelisse com força; levava a mão ao peito e caixa de costas.

Todos correram a examiná-lo.

O medico foi o primeiro a chegar; ajoelhou-se e disse:

— Tudo está acabado, meus senhores; a bala varou-lhe o coração: é um cadáver.

Julio estava palido como um defunto; grossas bagas de suor lhe corriam pela testa; caíu-lhe a pistola da mão e brotaram-lhe duas lágrimas dos olhos.

— Morto! — murmurou ele. — Morto! A fatalidade persegue-me.

— Pobre visconde!... — disse por sua vez o barão, dirigindo-lhe um olhar compassivo.

— E que havemos nós de fazer ao cadáver do nosso amigo? — perguntou Creus.

— Deixa-o aqui — respondeu o medico.

E tornando a examinar o ferimento, continuou:

— Padeceu pouco: morreu instantaneamente. Não ha nada tão feroz como o homem. Pobre Rafael! e, sobretudo, pobre pai!

Ugarte e Rodrigues, tinham-se reunido a Julio, e ao verem-no profundamente absorto, com a vista fixa no cadáver de Rafael, cujo rosto, voltado para o céu, tinha os olhos entreabertos e uma expressão de suprema angustia, travaram-lhe do braço dizendo:

— Não temos aqui nada que fazer. Vamo-nos embora.

Julio obedeceu sem mover os labios; a sua perturbação era natural; acabava de matar um homem com quem tinha vivido por espaço de vinte auos, e a quem estava habituado a olhar como irmão.

O cadaver do visconde ficou só, junto da cruz sagrada.

..... Madalena dirigiu-se, como era seu costume, ás oito horas da manhã a casa de Julio, do filho das suas entradas, a quem lhe era vedado o revelar o importante segredo do seu nascimento.

Nada ha tão meigamente afictoso como uma mãe. Madalena tivera o cuidado de mandar fazer uma chave da porta da habitação de Julio, para entrar sempre que quizesse.

A tarefa, que se tinha imposto de o visitar todas as manhãs e fazer-lhe o chocolate, era para ela a mais grata ocupação da sua vida.

Abriu, pois, a porta e entrou: tudo estava fechado. Caminhando em bicos de pés, chegou á pequena sala de jantar e abriu uma janela.

Madalena cuidava que Julio estava dormindo e procurava fazer o menos ruido possível, para não o acordar.

Acerideu a maquina economica e poz-se a fazer o chocolate.

Tinha comprado doces, que colocou sobre a mesa, e por fim, disse:

— São quasi nove horas. Julio costuma levantar-se cedo... Estará ele doente...

Esta suspeita fe-la empalidecer, e, sem hesitar, dirigiu-se ao quarto do mancebo.

— Dormes, Julio? — perguntou de ao pé da porta.

Não respondeu voz alguma a esta pergunta.

Madalena, assustada com aquele silencio, dirigiu-se á varanda com os braços estendidos para diante.

Abriu as portas, e o quarto inundou-se de luz; dirigiu rapidamente um olhar para a alcova; a cama estava fetia, perfeitamente arranjada, como a tinha deixado no dia anterior.

Mas Julio não estava ali; Julio não tinha dormido em casa.

— E' singular! — disse ela, deixando-se caír no sofá e levando as mãos á fronte. — Sinto uma inquietação no coração, como se me tivesse acontecido uma grande desgraça.

Madalena sentia-se agitada. No espaço de alguns minutos foi quatro vezes á varanda.

Julio não aparecia.

Nada há mais natural do que um rapaz livre, independente, sem familia, passar uma noite fóra de casa. Todavia, aquilo parecia muito extraordinario a Madalena.

Cançada de esperar debalde, desceu a perguntar ao porteiro.

Em Madrid não se madruga muito, e o porteiro, que, vivendo nas aguas furtadas, tinha o costume de abrir a porta, ás oito horas no inverno e ás seis no verão, não tinha visto sair Julio.

Madalena tornou a subir, apoderou-se do sofá e disse consigo:

— Esperarei por élé até que volte.

Mal tinha acabado de proferir estas palavras, quando ouviu o ruido de uma chave que se introduzia na fechadura.

Não pôde reprimir um grito e correu á porta.

Era Julio.

Madalena soltou uma exclamação de alegria.

— Ah! até que afinal voltas! Que mau bocado m fizeste passar.

Julio caminhou em direcção ao seu gabinete, sem fazer caso do grito de alegria que acabava de soltar-se do peito de Madalena.

A pessoa mais indiferente teria suspeitado logo que Julio não estava no seu estado normal. Cambaleava como um ébrio; os ombros não tinham força para segurar a cabeça, que se inclinava para todos os lados, como que procurando um apoio.

Madalena seguia-o atonita.

No rosto daquele moço estava estampada a palidez

da morte; os enevoados olhos scintilavam-lhe de um modo sinistro, e os seus labios, resequidos e convulsos, tinham todos os sintomas da febre.

Julio deixou-se caír no sofá, levou as mãos ao peito, e suspirou com força; mas aquêle suspiro era antes um gemido angustioso.

Tu não estás bom. Aconteceu-te alguma coisa? — perguntou-lhe Madalena, ajoelhando-se aos pés do mancebo e tomado-lhe carinhosamente as mãos.

Julio conservou-se silencioso; mas os seus grandes olhos negros fixaram-se de um modo vago no doloroso semblante daquela mulher e do seu peito saiu um suspiro.

— Ai, Madalena! Sou o homem mais desgraçado do mundo!

— Tu, desgraçado? Tu, meu filho? Vamos, dize-me o que te sucede, não me ocultes coisa alguma; bem sabes que te quero como uma mãe; o teu silencio atormenta-me.

Julio levou as mãos á fronte, suspirou de novo, como se quizesse tirar um grande peso do coração, e soltando um grito que lhe irrompeu do fundo da alma, deixando-se caír do sofá, escondendo o rosto entre as mãos, desatou a chorar.

Madalena compreendeu que alguma coisa grave sucedia a seu filho.

Quando um homem, como Julio, chora, quando esconde o rosto, e lhe extremece o corpo, muito profunda deve ser a dor que o atormenta.

— Fizeste tenção de me endoidecer? — exclamou a pobre mulher com expressão afilitiva. — Porque me ocultas o que te sucede?

Julio ergue a cabeça, olhou segunda vez para Madalena, e disse enxugando as lagrimas:

— Em quanto eu viver terei sempre um espinho cravado no meu coração.

E, baixando a voz, continuou:

— Matei um homem!

— Jesus! valha-me Deus! — exclamou Madalena, retrocedendo um passo.

—Sim, matei um homem! —tornou Julio com voz sumida.—O conde de S. Mauro ha de lembrar-se eternamente do engeitado que êle recolheu do meio de uma estrada; porque êsse engeitado, Madalena, acaba de pagar todos os benefícios que dêle recebeu, com um luto eterno, com uma dôr infinita; porque êsse tardio, a quem seus pais abandonaram, envergonhados certamente de lhe terem dado o ser, paga ao seu benfeitor de um modo digno... Oh! sim! muito digno!

E Julio erguendo os punhos para o céu com um gesto ameaçador, acrescentou com voz potente:

— Ah! Malditos sejam os que me deram o ser!

Madalena ficou aterrada. Sentiu circular-lhe pelas veias o frio da morte, e faltou-lhe o valor para dirigir a palavra a seu filho.

CAPILULO XIV

Em que começa a expiação

Uma voz intima, terrivel, ameaçadora, segredava a Madalena que tinha soado a hora da expiação.

Todas as dôres sofridas, todos os tormentos suportados durante vinte e quatro anos, eram leves desgostos, passageiras contrariedades, comparados com as mortificações que a esperavam

Julio, no meio do seu abatimento, erguia-se ameaçador para soltar contra seus pais dessas maldições que, como o raio do céu, aniquilam, fulminam ao caír sobre suas cabeças.

Madalena não se atrevia a olhar para aquele rapaz, nem dirigir-lhe a palavra, nem sequer a respirar.

Pobre martir! Temia mais do que a morte, as recriações do filho das suas entranhas.

Mas aquele silencio não podia prolongar-se; era preciso conhecer a horrivel, a desastrosa verdade do que acontecia a Julio, e aquela mulher revestiu-se de valor e tornou:

— Compreêndo que te sucedeu uma espantosa desgraça, meu Julio; revelam-ma as palavras que acabas

de dizer-me, e temo a verdade ao mesmo tempo que anseio por sabê-la. Fala. Quem sabe se eu poderei achar consolo para ti? Fala. Não te inspira confiança a mulher que durante tantos anos te serviu de mãe?

Julio vacilou por um momento. Depois tomou as mãos de Madalena entre as suas e disse:

— Não poderei tornar a aparecer diante do conde de S. Mauro; nunca poderei sofrer as suas justas ex-provações, quando, ao ter conhecimento da horrivel realidade do drama que esta manhã se passou, me perguntar por seu filho, e me disser: "Julio, que fizeste de Rafael?"

— Logo, o homem que tu mataste — perguntou Madalena com horror — é?...

— O visconde de S. Mauro.

Madalena soltou um grito lacerante, estendeu os braços buscando um apoio e caíu redondamente no chão, dizendo:

— Que fizeste, desgraçado? Rafael era meu irmão!...

— Meu irmão!

— Sim, sim desgraçado! Era esse o segredo do conde... Não posso, meu Deus, não posso!...

Madalena perdeu os sentidos.

Julio, ao ouvir a inesperada revelação daquela mulher ergueu-se como se sentira rasgar-se-lhe o peito.

— Meu irmão!... Impossível! murmurou ele aterrado.

E tornou a cair assombrado no sofá.

A dor é o espanto tinham arrancado do peito daquela infeliz mulher, parte do segredo que por tanto tempo guardava no seu coração.

— Fratricida!... Fratricida!... — murmurou Julio.

— Amaldiçoado de Deus e dos homens! Para onde dirigireis agora os teus passos, que não se abra a terra para te tragar? E esta mulher — prosseguiu, contemplando Madalena que estava desmaiada no chão; e esta mulher que sabia o segredo do meu nascimento, a que horas mo revelou!... Mas não, não; é preciso que eu lance sobre a cabeça do conde de S. Mauro todo o peso do meu infortunio, toda a ver-

gonha do meu crime. A culpa não é somente miaha; forçoso é que partícipe comigo dos remorsos.

E peggando no chapéu, saltou por sobre o corpo de Madalena, que estava ainda desmaiada, e saiu precipitadamente de casa, como se estivesse louco.

.....

A pobre Madalena ficou só. O seu desmaio prolongou-se um quarto de hora, aproximadamente; ao voltar á vida, abriu os olhos, procurou seu filho, mas Julio tinha desaparecido.

Ergueu-se a meio corpo e levou as mãos ás fontes, como se temesse que lhe fugisse a razão.

— Julio! Onde estás, Julio? — disse com voz desfalecida. — Ah! Abandonou-me!... Foge de mim!... E' justo, sim, é muito justo!... Sou a hora da expiação.

E como se naquele momento lhe assaltasse á mente um pensamento terrível, tornou:

— Oh, meu Deus! Fui muito imprudente!... Não é este o meu posto; corramos a evitar uma nova desgraça.

Madalena saiu de casa de Julio, correndo precipitadamente para a do conde de S. Mauro.

Quando chegou á porta, morta de pesar e de cansaço, viu alguns criados reunidos no primeiro patarei da escada.

— Ah! Que desgraça, D. Madalena, que desgraça! Ihe disse o criado particular do conde.

Madalena parou mais para cobrar forças do que para ouvir o criado.

— Não sabe o que sucede? — disse lhe outro dos da criadagem da casa.

Madalena olhou para o que lhe dirigia a palavra, mas não pôde falar; era indubitable que sabia da desgraça de Rafael.

— O sr. conde está em casa? — perguntou afinal Madalena.

— Não, senhora; saiu com um polícia, porque

aconteceu uma desgraça irreparável. Ao que parece o snr. Rafael teve esta manhã um duelo e mataram-no; o cadáver encontrou-se num prado da Casa do Campo, foi reconhecido, e o polícia veio avisar o snr. conde, que saiu precipitadamente no carro grande, certamente a buscar o corpo do filho.

Oh, meu Dens ! meu Deus ! Efectivamente é uma grande desgraça ! — replicou Madalena, cobrindo o rosto com as mãos.

E deixando o criado a comentar o facto, subiu a escada e foi fechar-se no quarto.

Pouco depois ouviu o ruido da carruagem 'ao entrar no pateo.

Madalena correu á ante-sala e por uma das janelas que deitavam para a escada, viu subir, conduzido pelos criados o corpo ensanguentado de Rafael.

Atraz seguia o conde apoiado nos braços de dois sujeitos: eram o comissário de polícia e o juiz de distrito.

D. Paulo parecia um cadáver. Aos seus olhos, horrivelmente encovados, faltava o brilho da vida.

O mordomo mandou fechar a porta da rua.

Madalena, aterrada em presença daquele quadro, foi esconder-se no quarto.

A infeliz mãe não cessava de dirigir-se esta pergunta :

— Onde está Julio ?

O triste cortejo dirigiu o cadáver do visconde até ao salão. Ali foi depositado sobre um rico sofá de damasco verde.

O juiz ordenou que o cobrissem com uma colcha de seda, para evitar ao desdito pae o doloroso espetáculo do cadáver do filho; depois mandou retirar os criados.

Entretanto, o conde tinha-se sentado numa poltrona. Um abatimento geral se tinha apoderado do seu corpo: tinha o olhar fixo no chão, os braços caídos, e a cabeça caída para o peito.

De quando em quando suspirava debilmente.

O comissario, que não se afastava de ao pé dele. dizia de si para si :

— Pobre pai ! Vae-lhe custar a vida esta desgraça.

— Snr. conde — disse o juiz colocando uma cadeira junto da poltrona de D. Paulo, — eu não acho palavras com que possa consola-lo. Tambem sou pai, e comprehendendo a imensa dor que déve causar uma desgraça dessa natureza. Eu quizera anima-lo desse abatimento, fortalecer o seu espirito, tornar menos dolorosa esta enorme desgraça, porem, isso nestes momentos é totalmente impossivel ; mas juro-lhe pela minha honra e rectidão de magistrado, que o visconde-de ser vingado, que a lei se ha-de cumprir e que a justiça será terrivel.

O conde ergueu a cabeça, fixou no juiz um olhar triste, pegou-lhe numa das mãos, depois lançou a vista para o sofá onde estava o filho, e, suspirando respondeu :

— Rafael já não existe... Era ele o herdeiro do meu nome, dos meus titulos e da minha fortuna... A perda foi muito grande... Parece-me que pouco tempo lhe sobreviverei... Dou os maiores e mais sinceros agradecimentos a v. ex.^a pelo interesse que toma neste assunto ; mas peço-lhe encarecidamente que não se incomode em procurar o matador de meu filho. E' mais que certo que morreu em duelo. Os homens de dignidade, posto que lamentem o duelo, respeitam-no como lei imperiosa da honra.

— Todavia, eu devo cumprir com o meu dever — ajuntou o juiz ; — o duelo é proibido por lei.

— E' certo ; mas os juizes são homens, e nunca poderão considerar como um assassino o homem que mata o seu adversario com armas iguaes, expondo o peito ao perigo.

— E' verdade ; mas sabemos nós, porventura, se o senhor visconde foi morto em duelo ?

— Foi.

— Então o senhor, sabe...

— Suspeito-o, meu caro senhor, e tinha-o profetisa-

do mais de uma vez a meu filho. Ah! Queira Deus que não saiam certos os meus receios, por que então...

E o conde cobriu o rosto com as mãos e começou a soluçar amargamente.

O juiz e comissário de polícia olharam-se, como que dizendo um ao outro:

— Era bom que este homem chorasse.

O magistrado fez sinal ao agente da autoridade civil, e foram ambos colocar-se junto da varanda.

Neste momento abriu-se repentinamente a porta do salão e entrou Julio.

CAPITULO XV

Continua o drama

Julio, obedecendo, mais do que à sua vontade, ao estado febril de agitação que o dominava, avançou saudidamente até meio do salão,

D. Paulo não deu conta de coisa alguma: conservava-se encrado na poltrona, chorando.

O juiz e o comissário fixaram a atenção naquele mancero que tão desabridamente se atrevia a entrar no salão, onde reinava o doloroso e profundo silêncio que deve impôr a angustia dum pai que acaba de perder o filho.

Julio estava tão fraco, que precisou apoiar-se numa cadeira, para não caír; ainda assim o seu rosto estava afogueado, os olhos scintilantes e avermelhados, os seus cabelos e o fato no maior desalinho.

O juiz concebeu uma suspeita; aquele mancero tinha impresso no rosto o estigma dum crime, todos os terríveis vestígios do remorso.

— Onde está o sr. conde de S. Mauro? — perguntou Julio, com voz áspera, sem cumprimentar pessoa alguma, sem reparar sequer nos dois homens que, junto do balcão, tinham fixos nele os seus olhares.

Esta voz causou um violento estremecimento a D. Paulo; levantou a cabeça, fixou a vista em Julio, e

pondendo-se rapidamente em pé, como que movido por uma mola, disse-lhe:

— Ah! És tu? Vem... vem cá... e verás a terrível, desgraça que me sucedeu.

E pegando-lhe por um braço, conduziu-o até o sofá tirou com força a colcha que cobria o cadáver de Rafael, e acrescentou:

— Olha! Já não existe! Sabes quem o matou?

Julio retrocedeu um passo; mas fazendo um esforço sobrenatural, quedou-se repentinamente como que cravado no tapete, os labios entreabriram-se-lhe para dar passagem a um sorriso indefinivel, e disse:

— Fui eu que o matei.

— Tu? tu?! exclamou o conde aterrado, retrocedendo até cair na poltrona. — Não o acreditem. Esse rapaz está louco; a dôr transtorna-lhe a razão.

Julio soltou uma gargalhada.

O conde cobriu o rosto com as mãos.

— É impossivel?... — repetiu Julio com voz ameaçadora. — Basta de fingimentos, sr. conde; basta de hipocrisia; soou a hora de caír a máscara, de se descobrir toda a verdade. Eu sou um fraticida... mas o meu crime há de recaír toda sobre quem tem a culpa da minha horrivel posição... Rafael morreu nas minhas mãos, e era meu irmão... eu hei de morrer nas mãos do carrasco, e o conde de S. Mauro morrerá devorado pelos remorsos: Deus é justo.

E Julio continuou a rir-se como um demente.

D. Paulo não se atrevia a olhar para êle; o juiz e o comissario pareciam duas estátuas de pedra; tal era o assombro que lhes causava a inesperada revelação daquêle rapaz.

— Está louco... está louco... — murmurou o conde.

O juiz poude afinal reanimar-se, avançou alguns passos, e disse, dirigindo a palavra a Julio:

— Disse o senhor que tinha morto o visconde de S. Mauro?

— Disse-o e repito — respondeu Julio; — não tenho interesse algum em o ocultar. Logo que sairmº d'estas

casa, eu mesmo irei entregar-me á justiça. Mas, quem é o senhor, para me dirigir semelhante? Com que direito se intromete em questões puramente de familia?

— Sou o juiz, a quem pertence averiguar como e porque foi morto o visconde de S. Mauro.

— Ah! Nesse caso, pôde v. ex.^a tomar conta da minha pessoa; estou decidido a declarar a verdade.

E dirigindo um olhar de desprêzo ao conde, prosseguiu:

— Não é a primeira vez que as culpas dos pais caiem sobre os filhos, causando-lhes a desgraça. Oh! O meu processo há de ser curioso, divertido; o público há de lê-lo com avidez. Meu pai podia ter-me pougado, sendo franco para comigo, os sofrimentos duma cadeia e a vergonha dun patíbulo; porém...

Julio deteve-se, passou varias vezes a mão pela fronte e acrescentou:

— Estou ás suas ordens, senhor magistrado, e pronto a segui-lo para onde v. ex.^a quizer; mas antes de saír para sempre desta casa, vou pedir-lhe um favor, que espero me concederá em paga da franqueza com que acaba de denunciar-me a mim próprio. A morte de Rafael não foi um assassinato, foi um duelo em regra. Quando tive a infelicidade de me bater com o visconde, ignorava que êle fôsse meu irmão; soube-o quando já era tarde para remediar o mal. Preciso, portanto, falar sem testemunhas com o conde de S. Mauro por alguns momentos.

— Esperaremos na ante-sala. Creio que o senhor não tratará de evadir-se — respondeu o juiz.

— Nem de evadir-me, nem de me defender; a vida é-me indiferente.

O juiz e o comissario saíram ds sala.

D. Paulo não notou que o deixavam só com o filho.

Julio conservou-se alguns momentos com os braços cruzados sobre o peito e o olhar cravado no conde, que aterrado na sua poltrona e com o rosto oculto entre as mãos soluçava a custo.

— Estamos completamente sós, sr. conde pode er-

guer a cabeça — disse Julio com a voz reconcentrada, — Não receie v. ex.^a que o pobre Rafael, muda, insensível testemunha desta entrevista, se levante para acusar o seu matador, nem seu pai. Os nossos acusadores estão aqui, no fundo do peito, nas nossas consciencias. Ainda que a justiça dos homens nos absolvesse do nosso crime, outra justiça implacável se acharia sempre impressa sobre as nossas cabeças: a de Deus.

Julio deteve-se, respirou com força e esperou um pouco; mas como seu pai ficára silencioso acrescentou:

— Creio que v. ex.^a adivinha que não vim aqui para ter o silencio por unicá resposta. O pai que por mal entendida vergonha ou que por inqualificável fraqueza não tem força para dizer á sociedade que o cerca: «Esse órfão, a quem todos apontais ao dedo, é meu filho», dá direito a esse filho de o votar ao desprêso. Eu, misero bastardo, posso com justiça, com fortíssima razão, votar ao desprêso o muito nobre sr. conde de S. Mauro. Não venho, pois aqui, nem mendigar as suas blandícias, nem tão pouco a sua protecção; venho exigir-lhe, arrancar-lhe, se fôr preciso, o nome de minha mãe.

O conde soluçava e parecia não ouvir as terríveis reconvenções do filho.

Julio fez um movimento de impaciencia, avançou um passo, e insistiu, levantando a voz:

— Acabemos com isto, sr. conde: quero saber o nome de minha mãe; necessito ouvir da sua bôca a narração das infamias que v. ex.^a poz em accão para a seduzir e logo depois abandoná-la, porque é fóra de duvida que o meu nascimento tem uma historia que envergonha o sr. conde de S. Mauro, visto que em vinte e quatro anos se não dignou dizer-me: «Eu sou teu pai: levanta essa fronte, que não és engeitado!»

O conde cessára de soluçar, mas permanecia imóvel. Deixou cair os braços, como se lhe faltára a força vital, e lançou um olhar torvo em volta de si.

Apesar da excitação nervosa de que estava possuí-

do, Julio comprehendeu que o conde suportava um acidente terrível. Talvez que a luz da razão se lhe escapasse naquele momento do cérebro, talvez que o desfecho de tão horrível luta produzisse a insensibilidade, a demencia.

Julio pousou a mão direita sobre o ombro de seu pai. O contacto dessa mão fez estremecer o conde, que se ergueu, dirigiu-se ao sofá, e descobrindo o cadáver de Rafael, ficou-se a olhar para ele com uma indiferença verdadeiramente aterradora.

CAPILULO XVI

Revelação

Julio deixou-se conduzir por Madalena ate ao quarto desta, cuja porta fechou por dentro.

— Julio!... Julio da minha alma!... — exclamou aquela infeliz mãe caindo de joelhos aos pés do filho.
— Eu sou tua mãe; perdoa-me todo o mal que o meu silencio te causou; perdoa-me, se não queres que a dôr me despedace o coração.

— Tinha-o suspeitado, senhora — respondeu Julio com uma serenidade e uma frieza, que aterrou Madalena. — A revelação que acaba de fazer-me, ter-me-ia ontem dado uma imensa ventura; hoje torna-me o mais desgraçado dos homens.

— Tens razão!... Tens razão!... — murmurou Madalena cobrindo o rosto com as mãos.

— Ámanhã — continuou Julio — todos conhecerão o terrível drama da nossa familia; as portas da sociedade ficarão fechadas para o fratricida; os que dantes se diziam meus amigos fugirão, para me não verem, receiosos de lhes estenda a mão e os macule com o meu contacto; todos recusarão a minha amisade; apontar-me-hão a dedo e dir-se-há baixinho: «Aquele matou o irmão, é um maldito; a sua amizade corrompe e mancha; fugi dele.» Eis tudo quanto devo a meus pais... Invejável herança!... não é verdade minha senhora?

E um sorriso frio como a morte, se desenhou nos labios de Julio.

Madalena, ainda ajoelhada, com o rosto coberto pelas mãos, chorava amargamente, sem se atrever a olhar para o filho.

— Julio — dizia ela entre soluços — se tu soubesses quanto eu sofri... se tu soubesses quantas e quantas vezes estive a ponto de te revelar o segredo do teu nascimento, terias piedade de mim.

— Por ventura se envergonhava a senhora de ser minha mãe.

— Ah! Como é possivel que uma mãe se envergonhe do filho que trouxe nas entradas?

— Então porque guardou por tanto tempo o que eu lhe pedi cem vezes que me revelasse, com as lagrimas nos olhos e voz suplicante? como pôde explicar-se esse silencio que é criminoso aos olhos de Deus e aos dos homens?

— Porque o conde mo tinha proibido. Eu obedecia-lhe, receiando que ele te tirasse a proteção, porque o meu unico cuidado era vêr-te rico e feliz.

— Rico em desventuras foi o que o silencio de minha mãe me fez. A felicidade que a senhora me proporcionou é a vergonha de um crime, a deshonra de um carcere.

— Mas tu não vaes para um carcere.

— Um homem morreu ás minhas mãos... a justiça reclama-me... e eu não hei de fugir. A vida para mim, é um fardo pesado: não quero dar-me ao trabalho de a defende.

— Escuta, Julio; escuta, meu filho — exclamou Madalena, tomando-lhe uma das mãos e erguendo para ele o rosto inundado de lagrimas. — O que nos sucedeu foi uma grande desgraça... bem o sei, e de toda a minha alma o deploro; mas eu não quero que vás para um carcere, ou que te mandem para Ceuta, porque morreria de pezar. Antes que isso aconteça, fugirás de Madrid, dar-te-ei todo o dinheiro que te seja preciso, avisar-me-ás do ponto onde estás escondido,

e eu irei reunir-me a ti. Uma vez juntos, mudaremos de nome se quizeres.

— Basta, basta senhora! — exclamou Julio interrompendo-a. — Dei a minha palavra de não me evadir e hei de cumpri-la. Se até hoje não quizeram reconhecer-me como filho, tambem eu, de hoje até o dia da minha morte não quero reconhece-los como pais. Entre nós tudo acabou: nenhum laço nos une. Já que tão desventurado me fez, trato de me livrar da sua presença.

Madalena soltou um grito; quiz abraçar o filho, mas este repeliu-a.

A infeliz foi, cambaleando, cair desfalecida sobre um sofá.

Julio, sem ao menos lhe lançar um olhar de compaixão, abriu a porta e saiu.

Então, colocou a mão sobre o peito, e suspirou com força como se sentisse um enorme peso sobre o coração e disse:

— Pobre mulher!

E passando varias vezes a mão pela testa ajuntou:

— Cumpramos a palavra.

Julio dirigiu-se ao salão.

Os criados que estavam á porta deixaram de conversar, ao ve-lo.

Um deles atreveu-se a dizer-lhe:

— Não se pode entrar, sr. Julio.

— Creio que deve estar á dentro o sr. juiz e o commissario de policia.

— Sim, señor; e o medico, tambem. Dizem que o sr. conde endoideceu; sangraram-no, mas o delirio continua.

Julio foi sentar-se numa cadeira, no canto mais escuro da ante-sala.

Penetremos nós no salão.

O conde de S. Mauro estava estendido num leito: seguravam-no dois homens. A abundante sangria que o medico acabava de abrir-lhe, mal tinha acalmado a terrivel excitação nervosa de que era presa.

O juiz, o comissario e o facultativo conversavam em voz baixa.

— O golpe foi temivel — dizia o medico. — Duvido de que isto seja um ataque passageiro.

— De modo que v. ex.^a entende que o conde... — perguntou o juiz.

— Fica doido.

— Pobre homem! murmurou o comissario.

— Há muito tempo que sou o medico assistente de D. Paulo. É um homem reconcentrado, de caracter triste e dominante; a menor contradição o exaspera; numa palavra; notei sempre na sua natureza muita predisposição para a alienação mental; mas ainda que assim não fosse, a desordem que hoje notam nas suas ideias provem de uma causa poderosa; v. ex.^{as} sabem-no tão bem como eu: o pobre Rafael morreu ás mãos do irmão. A dôr e os remorsos apoderaram-se do coração do conde, produzindo terríveis efeitos. É uma grande desgraça, uma enorme desgraça a que sucedeu a D. Paulo. Não me admira que endoideça.

— E v. ex.^a está convencido de que Julio ignorava ser filho do conde de S. Mauro? — perguntou o juiz.

— Tenho a certeza disso. Há quatro dias houve nesta casa uma scena que não deixa duvida alguma sobre o caso de que se trata. Julio suplicou ao conde que lhe dissesse alguma coisa que podesse orienta-lo sobre o seu nascimento. O conde respondeu-lhe que o encontraria em criança no meio de uma estrada, que o recolhera e o tinha criado e educado.

— De sorte que, o desafio que produziu a morte de Rafael, não foi o resultado de um plano meditado, para com o tempo ficar com a riqueza do conde?

— De modo algum. Se Julio soubesse que Rafael era seu irmão, teria cortado as mãos antes de se armar contra ele.

— Então, esse desafio deve ter outra causa?

— Tem: os ciumes que Rafael tinha de Julio.

O doutor contou ao juiz parte do que os nossos leitores já conhecem.

— Pobre rapaz! — disse o juiz. — E no entanto não tenho outro remedio senão mete-lo na cadeia.

Chegava aqui a conversação quando o criado entrou a dizer que D. Madalena estava sem sentidos no seu quarto, e que por mais que tinham feito por chama-la á vida, tudo tinha sido inutil, e concluiu com estas palavras:

“Parece-me que está morta.”

O medico saiu precipitadamente; o juiz e o comissario seguiram-nó.

O conde ficou no leito, guardado por dois homens.

O cadáver de Rafael conservavá-se no sofá, coberto por uma colcha de seda.

Julió, quando viu saír do salão o juiz levantou-se, veio-lhe ter ao encontro, e disse-lhe:

— Estou ás ordens de v. ex.^a, sr. juiz.

Este parou e esteve um momento indeciso: a desventura daquele rapaz interessava-o, e vacilou por um instante; mas por fim, atendendo só á voz da justiça e do dever, disse:

— Eu ainda não terminei a minha missão nesta casa, sr. comissario. Tenha v. ex.^a a bondade de acompanhar Julio ao Saladero e tomar o recibo da entrega; que o levem para um quarto, que tenham com ele todas as considerações que merece pela franqueza com a justiça e pela sua desventura.

E depois de dar estas ordens, seguiu o medico a passo apressado.

CAPITULO XVII

O numero 27

Tres dias depois dos acontecimentos que acabamos de narrar no precedente capítulo, estava Julio num modesto quarto do Saladero.

O alcaide tinha-lhe proporcionado uma cama, duas cadeirás e uma mésa de pinho; era além disso o encarregado da alimentação do preso e de tudo quanto podesse precisar.

O alcaide comprehendeu que não ficariam sem recompensa todos os bons serviços que prestasse ao numero 27, que era o do quarto que Julio ocupava, e todos os dias subia duas vezes a perguntar-lhe se precisava de alguma coisa.

Julio respondia sempre o mesmo:

— Nada... obrigado.

Eram estas as unicas palavras que Julio pronunciava todas as vinte e quatro horas.

Sempre triste, sempre silencioso, passava os dias e as noites profundamente preocupado, sem querer receber pessoa alguma.

Quando lhe foram dizer para nomear um defensor, respondeu:

— Que o nomeie o tribunal; eu não conheço ninguem, nem quero incomodar ninguem.

Tres dias depois de Julio estar no Saladero, apresentou-se ao alcaide uma senhora vestida de luto.

Estava tão palida, subia as escadas com tanto custo, e tinha um semblante tão dôce, tão dolorosamente triste, que o alcaide a vê-la levantou-se e disse-lhe:

— Queira sentar-se, minha senhora... v. ex.^a está cansada.

D. Madalena aceitou a cadeira que o alcaide lhe oferecia, dando-lhe ao mesmo tempo os agradecimentos.

— Vinha perguntar —disse Madalena—se está nesta cadeia um moço chamado Julio.

— Está, minha senhora; ocupa o quarto numero 27.

Madalena suspirou, enchugou uma lagrima e ajunteu:

— Queria vê-lo.

O alcaide meneou a cabeça em sentido negativo, e tornou-lhe:

— E' bastante dificil.

— Difil? Pois quê? está incomunicavel?

— Não, minha senhora, isso de nada serviria, depois de se ter denunciado, como ele fêz; mas não quer receber pessoa alguma... quer estar só... proibiu-me que o não incomodassem.

— Queira perdoar-me se sou importuna; mas parte-se-me o coração ante a ideia de me ir daqui sem vêr Julio. Olhe, senhor: sou mãe!... e não quer que o veja, que o console na sua aflição, que o estreite de encontro ao meu peito.

O alcaide ficou surpreendido ante aquela inesperada revelação.

— Ah! então v. ex.^o é mãe dele? — perguntou.

— Sim, senhor.

— Póde v. ex.^a vir quando lhe aprouver. Quem sabe se por fim conseguiremos que o seu coração se abrande?

— Oxalá!

Madalena ergueu-se, deitou o véu pelo rosto e saiu do Saládero.

Agora entremos nós no quarto numero 27.

Tres dias tinham bastado para transtornar completamente o semblante de Julio. O seu rosto tinha essa palidez percussora da morte, tão peculiar nos doentes do peito; os seus olhos pretos, profundamente encavidados, despediam um olhar baço.

Julio estava sentado numa cadeira de palha; tinha o cotovelo do braço direito apoiado no joelho, e descançava a cabeça na palma da mão.

Sobre a mesa estavam um desses jornais de noticias que de tudo lançam mão para entreter o publico.

Julio lia com profunda atenção.

De quando em quando os seus olhos despediam um olhar scintilante, rangiam-lhe os dentes e apertava o punho da mão esquerda, como que obedecendo a um subito ataque de nervos.

— Ah! isto é uma infamia! — exclamou descarregando um terrível murro sobre o periodico. — Estou preso, não posso cortar a mão que escreveu esta historia, mas posso mandar á redacção deste periodico o epílogo da minha vida.

E sorrindo-se de um modo ameaçador, prosseguiu:

— Sérá tão curioso como interessante para os leitores. Além disso, é mister que este drama de familia tenha um desenlace.

E Julio pegou numa pena e numa folha de papel e poz-se a escrever.

Entretanto nós leremos por desobre os ombros ele o que diz o periodico

«Ontem foi levado á sua ultima morada o cadaver do desventurado visconde de S. Mauro.

«O horrivel drama de familia que preocupa a sociedade madrilena nãb terminou ainda, visto que o infeliz pai perdeu a razão, e o filho natural do conde, causador de tantas desgraças, está no carcere do Saladero.

«A justiça fará a luz, dando-nos a conhecer os motivos desse duelo de morte entre dois irmãos, um dos quaes, o falecido, era imensamente rico, e o outro deserdado e pobre.

«Por ora abstemo-nos de fazer comentarios.

«Iremos pondo os nossos leitores ao corrente de tudo.»

Julio terminou a sua carta.

Dizia assim :

«Senhor redactor

«Li com profunda magua no seu jornal uma noticia que se occupa da minha pessoa.

«Nessa noticia promete v. ao seus assinantes pô-los ao facto de tudo o que ocorrer; e ninguem melhor do que eu pôde satisfazer a curiosidade do publico, livrando-o a v. de incorrer em graves erros e calunias que ficam impunes porque me acho encerrado numa cadeia.

«Quando o infeliz visconde de S. Mauro me provocou a um duelo de morte, estava o que escreve estas linhas muito longe de suspeitar que fosse seu irmão.

«O segredo do meu nascimento iai-me revelado depois da bala da minha pistola ter arrebatado a existencia a Rafael.

«Quanto á riqueza do conde de S. Mauro, nunca a ambicionei, nem a ambiciono agora. que para coisa nenhuma pôde servir-me, como v. terá ocasião de convencer-se muito breve.

"Tudo o que diz respeito ao conde de S. Mauro, causa-me repugnancia e desprezo.

"Aqueles que conheciam o falecido visconde, e aqueles que me conhecem a mim, sabem sobejamente quantos motivos justos e poderosos deveriam assistír-me para aceitar o duelo que ele me propoz.

"Nada mais tenho a acrescentar: sómente lhe rogo que não torne a ocupar-se oficiosamente da minha pessoa, e que perca as esperanças de achar mais luz que a que eu lhe proporciono nestas linhas.

Julio"

Depois desta carta, deixou passar alguns segundos, pegou noutra folha de papel e disse supirando:

— Vamos; é preciso concluir.

E pôz-se a escrever o que se segue:

"Luiza :

"Quando a fatalidade leva o homem a perpetrar o fraticidio, a vida é um fardo insuportavel; eu vou portanto acabar com a minha.

"O meu ultimo pensamento será para si, Luiza! para si, a quem tanto amei, e a quem tanto amo!

"Não quero viver, porque depois do crime que perpetrei é completamente impossivel que v. ex.^a seja minha.

"Ao revelarem-me em má hora o meu nascimento, vi fenecer todas as minhas esperanças.

"Que é a vida sem a senhora? Um martírio prolongado que eu não me sinto com forças bastantes para sofrer. Desça pois comigo ao tumulo o segredo do meu amor.

"Se é certo que por detraz dêsse azul do firmamento ha outro mundo celestial onde se reunem as almas, quem sabe se lá tornarão a encontrar-se as nossas! Adeus para sempre! Não. Adeus até eternidade!..."

Julio"

Fechou a carta, fez o sobrescrito e chamou um caminheiro que passava pelo corredor.

— Tenha a bondade de dizer ao senhor alcaide que desejo vê-lo.

O preso do 27, como se lhe chamava na cadeia, incomodava tão pouco, que o caminheiro disse com os seus botões :

— Vamos, parece que já se vae afazendo.

E dirigiu-se ao quarto do alcaide.

Júlio não precisou esperar muito.

— Disseram-me que o senhor deseja falar-me—disse o alcaide ao entrar no quarto

— Tenho um favor a pedir-lhe—disse o preso indicando-lhe uma das duas cadeiras para que se sentasse.

— Se fôr coisa que eu possa fazer-lhe sem comprometimento...

— O favor que de si espero reduz-se simplesmente a que se encarregue de fazer chegar estas duas cartas ao seu destino.

— Se não é mais do que isso, visto que o juiz não proibiu que o senhor escreva, entendo que posso servi-lo.

— Fico-lhe profundamente agradecido—respondeu Júlio entregando-lhe as duas cartas.

O alcaide conheceu que o preso numero 27 tinha dado por terminada a entrevista; mas quiz ao mesmo tempo aproveitar a ocasião para interceder em favor da pobre mãe, a quem pouco antes vira partir tão profundamente aflita.

— Sr. Júlio—disse o alcaide depois de um momento de hesitação—embora v. s.^a me chame importuno, embora me considere imprudente, eu não posso deixar de lhe falar de sua pobre mãe.

Júlio fez um gesto de desagrado.

— Vamos; não vá agora zangar-se comigo —ajuntou o alcaide.—Que demonio! nunca ha razões possíveis contra uma mãe, por muito grandes que sejam as culpas dela. Depois, que é o que ela pede? Vê-lo a si, consolá-lo, ser-lhe útil na sua aflição... e seria para ela um imenso prazer o poder-lhe dar um abraço.

— Pois bem; se é só isso respondeu Júlio, sorrindo

de um modo que o alcaide não comprehendeu — ámanhã me abraçará.

— Devéras?!

— Ámanhã, sim; se vier ver-me, pôde deixá-la entrar.

— Muito bem, — repondeu o alcaide manifestando a sua alegria. — Que grande prazer para a pobre senhora! Vou ordenar que levem as cartas ao seu destino. Até logo sr. Julio

Julio ficou só.

Um sorriso triste, melancolico lhe bailava nos labios.

Pôz-se a dar passeios pelo quarto.

Estes passeios duraram até o cair da tarde.

Quando um criado da cadeia acendeu o lampeão do corredor, Julio acendeu tambem a sua vela e pôz-se a escrever; mas aquela carta, que apenas se compunha de quatro linhas, preocupou-o bastante.

Mais de um suspiro se lhe escapou do peito.

Depois decorreram duas horas.

O carcere envolveu-se no mais profundo silencio.

Este silencio foi subitamente interrompido pela ruidosa detonação de uma arma de fogo.

O alcaide que acabava de meter-se na cama, pôz-se de um pulo a pé, vestiu-se precipitadamente, e saiu do quarto.

Subiam apressadamente a escada alguns soldados, o oficial da guarda e alguns chaveiros.

O tiro tinha despertado todos os presos que ocupavam o corredor.

Ao ouvirem o ruido das passadas e as vozes, saíram meio vestidos dos seus dormitorios aguilhoados pela curiosidade.

— Todos aos seus quartos! — gritou o alcaide. — Vai-se passar um exame escrupuloso e aquele que se encontrar com a arma que motivou este escandalo, será castigado como merece.

— Parece que v. s.^a não precisa de dar-se a esse incomodo — disse um dos presos, cuja barba branca e palido semblante, demonstrava a sua longa perma-

nencia na cadeia. — Eu estou no quarto numero 26 e o tiro soou no numero 27; ouviu-o bem claramente, como se mo tivessem disparado aos ouvidos.

O alcaide dirigiu-se para o quarto indicado; o oficial, os soldados e as ordenanças, seguiram-no.

A porta estava fechada, o alcaide não se demorou a chamar; empurrou-a com toda a força e abriu-a.

Então recuou dois passos.

Julio estava estirado no meio do quarto. A luz da vela alumava-lhe o corpo, banhado num mar de sangue que manava de duas grandes feridas abertas nas fontes.

— Suicidou-se! Já um medico!

Um dos ordenanças desapareceu.

Entretanto, todos rodearam o cadáver.

O oficial, ao fixar a vista na meza, deu com uma carta aberta, ao pé da vela.

Maquinalmente leu o conteúdo.

— Senhor alcaide disse — o preso livrou-o de responsabilidade neste papel.

O alcaide leu em voz alta:

«Não se culpe ninguem da minha morte. A vida era-me insuportável, e puz-lhe termo. Que Deus me perdoe !

Julio.»

O como ele tinha conseguido adquirir o revolver que poz fim aos seus dias, foi sempre um misterio que custou não poucos desgostos ao alcaide.

No dia seguinte ás dez horas da manhã, um elegante coupé puxado por dois magnificos cavalos parou á porta do Saladero.

Um sujeito que teria quarenta e quatro anos de idade apeiou-se e entrou na cadeia: era o milionario Diogo de Alcantara.

No pateo estavam varios individuos formando grupo, obstruindo a passagem.

Diogo fixou maquinalmente o olhar no centro daquele grupo, e viu uma mulher vestida de preto estendida no chão, e um sujeito, que parecia ser medico, tomando-lhe o pulso.

— Que é isso? — perguntou ao que estava mais proximo.

— Esta pobre senhora, que perdeu os sentidos e caiu pelas escadas abaixos — respondeu-lhe.

Diogo ia a continuar no seu caminho, quando, ao fixar um segundo olhar na mulher desmaiada, lhe pareceu reconhece-la.

Então ouviu uma voz dizer por detraz dele:

— Isto é natural... era sua mãe... o golpe foi terrível! Pobre senhora!

Diogo voltou a cabeça comovido, pois acabava de reconhecer Madalena, a governanta do conde de S. Mauro.

— Pois quê! sucedeu alguma desgraça ao filho dessa senhora? perguntou.

— Se sucedeu! e bem grande! Imagine v. ex.^a que esta noite se suicidou!

— Quem, Julio! — perguntou novamente Alcantara.

— Eu não sei como ele se chamava; só ouvi dizer que era filho natural de um conde.

Diogo não quiz ouvir mais; subiu precipitadamente a escada e perguntou ao alcaide.

Então não lhe restou duvida alguma. Julio tinha deixado de existir.

— Demonio! demonio! — disse consigo; dirigindo-se para o seu carro. — Cheguei tarde; bem me dizia Luiza!

E subindo para o carro, disse:

— Para casa!

Mal Diogo tinha posto os pés na ante-sala, ouviu logo a voz de sua filha, que lhe dizia:

— Então viu-o!

— Eu te digo: fa ve-lo...

A reticencia de Diogo fez soltar um grito a Luiza.

— Mas que ha, que sucede! Não me oculte nada...

— Ha uma desgraça, querida Luiza — respondeu o

milionário limpando o suor que lhe inundava a testa ; — uma desgraça que eu estava bem longe de suspeitar.

— Suicidou-se !

— Exactamente.

— Pobre Julio !

Luiza deixou-se caír numa cadeira, cobriu o rosto com as mãos, e chorou amargamente.

Um milionário que fez a sua fortuna em negócios bancários não tem ordinariamente o coração muito sensível. Diogo asserenou-se breve da má impressão que o suicídio de Julio lhe tinha causado, e, aproximando-se de sua filha, disse-lhe :

— Vamos ! não chores... não quero que entristeças... que faças os olhos vermelhos...

— Eu amava Julio, meu pai ! — respondeu Luiza.

Diogo encolheu os ombros e ajuntou :

— Ainda que Julio não tivesse cometido a loucura de se suicidar, nunca seria seu esposo, porque não posso crer que aceitasses por marido um fraticida.

Luiza olhou para o pai, pôz-se a pé e disse :

— Sinto-me bastante incomodada. Até logo, meu pai.

Diogo viu sair a filha e disse consigo :

E mudando de tom, continuou :

— De todos os modos sempre é bom distraí-la até que esqueça... Não tenho outra filha...

E sentando-se numa cadeira, pegou na *Gazeta* e pôz-se a ler a cotação da Bolsa.

CAPITULO ULTIMO

Duas locaes

Eis aqui o que dizia vinte e quatro horas depois um periódico noticioso :

«Ontem à noite suicidou-se na cadeia do Saladero o filho natural do conde de S. Mauro.

«Sua infeliz mãe, que ia visita-lo todos os dias, ao

receber a desastrosa noticia perdeu os sentidos e todos os esforços foram insuficientes para a salvar; deixou de existir daí a poucas horas, vítima de um ataque cerebral.

"Deploramos profundamente tão tragico drama, pois sómos informados, até á evidencia de que o desditoso Julio de S. Mauro era um moço apreciabilissimo, a quem consideravam e amavam todos os que tiveram a ventura de o conhecer.

Quanto ao velho conde, esse acha-se num lastimoso estado de insensibilidade.

"Alguns parentes tem acudido a sua casa com o fim de o consolar; mas o conde não passa hoje de um louco, um infeliz doido que ri e chora ao mesmo tempo, ou passa longas horas com as mãos cruzadas sobre os joelhos e a vista cravada no chão, sem dar sinaes de vida."

"Na ultima consulta que os medicos fizeram, todos foram concordes em que o conde não recobrará o uso da rasão."

Como na variedade está o gosto, lia-se um pouco mais abaixo desta, a seguinte local:

"Esta manhã sairam de Madrid, dirigindo-se á Itália, onde tencionam passar o inverno, o ex.^{mo} sr. Diogo de Alcantara e sua elegante filha.

"A sociedade de Madrid está de pêsames pela ausência do rico banqueiro e de sua encantadora herdeira."

E de facto, Diogo, vendo Luiza profundamente impressionada com a morte de Julio, empregou, para a distrair, o recurso dos ricos: viajar pelo estrangeiro.

Cremos que o remedio lhe foi proveitoso, pois que um ano depois casou Luiza com um dos mancebos mais nobres e mais elegantes de Madrid.

